

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

KARIN NOSSACK

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE TRÊS CONTOS
MARAVILHOSOS E SUAS ILUSTRAÇÕES: A TEMÁTICA DA
VIOLÊNCIA E DO MEDO EM JOÃO E MARIA,
CHAPEUZINHO VERMELHO E RAPUNZEL

SOROCABA -SP
2024

KARIN NOSSACK

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE TRÊS CONTOS MARAVILHOSOS E SUAS
ILUSTRAÇÕES: A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA E DO MEDO EM JOÃO E MARIA,
CHAPEUZINHO VERMELHO E RAPUNZEL

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Universidade
Federal de São Carlos *campus*
Sorocaba, para obtenção do título/grau
de licenciada em Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Tadeu
Souza

Sorocaba -SP
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Nossack, Karin

Uma análise comparativa de três contos maravilhosos e suas ilustrações: A temática da violência e do medo em João e Maria, Chapeuzinho Vermelho e Rapunzel / Karin Nossack -- 2024.

102f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Geraldo Tadeu Souza

Banca Examinadora: Márcio Antônio Gatti, Vanda

Aparecida da Silva

Bibliografia

1. Literatura infantil. 2. Irmãos Grimm. 3. Programa conta pra mim. I. Nossack, Karin. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

7/10/24, 9:53 AM

SEI/FUFSCar - 1346677 - Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 12/2024/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

KARIN NOSSACK

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE TRÊS CONTOS MARAVILHOSOS E SUAS ILUSTRAÇÕES: A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA E DO MEDO EM JOÃO E MARIA, CHAPEUZINHO VERMELHO E RAPUNZEL

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 01 de fevereiro de 2024

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientador	Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza
Membro da Banca 1	Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti
Membro da Banca 2	Prof.ª Dr.ª Vanda Aparecida da Silva



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Antonio Gatti, Professor(a)**, em 01/02/2024, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Tadeu Souza, Professor(a) Efetivo(a)**, em 02/02/2024, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanda Aparecida da Silva, Professor(a) Efetivo(a)**, em 04/02/2024, às 16:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família e às pessoas que amo, que sempre me apoiaram a ir em busca dos meus sonhos. Dedico ainda em especial ao meu avô e meu pai, os quais foram grandes incentivadores desde muito cedo na minha infância ao gosto pela literatura e pelas ilustrações dos livros.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a todos que fizeram parte desta minha jornada que foi a minha formação em Pedagogia pela UFSCar-Sorocaba.

Aos meus pais Marlene e Ingo que sempre me apoiaram a ir em busca dos meus sonhos e me incentivaram a nunca desistir, por mais difíceis que alguns momentos podiam parecer, e mesmo com a distância.

Ao meu noivo Felipe, que esteve presente durante toda minha graduação e que acreditou em mim mesmo quando nem mesmo eu acreditava, me trazendo paz nos momentos de aflição.

Aos meus avós Gertrudes e Walter, com os quais morei durante esses seis anos de curso, que me acolheram e que compartilharam de todos os momentos felizes e difíceis que passei durante este período.

Aos meus tios Suely e Walter Filho que fizeram de tudo para que eu concluísse o curso e os estágios, e que sempre tiveram uma palavra amiga.

As minhas veteranas do curso, Beatriz e Thayne, que me aconselharam, compartilharam experiências sobre a universidade e que ainda se fizeram presentes mesmo depois de formadas em todos os momentos que precisei.

A Victória, amizade sincera que se construiu ao longo de todo o curso, me apoiando, compartilhando experiências.

A todos meus colegas e amigos na universidade que permitiram com que eu me desenvolvesse academicamente e pessoalmente.

Às minhas professoras e professores que permitiram com que eu me formasse através de seus grandes conhecimentos compartilhados, em especial ao meu orientador Geraldo Tadeu Souza, o qual me acolheu tanto em suas aulas, grupos de estudo, como na orientação deste meu TCC.

E por fim, ao meu avô paterno, Dietrich, que não está mais conosco, que não me viu entrar na Universidade, mas foi quem trouxe a literatura dos Irmãos Grimm e os contos infantis para minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral comparar os contos *João e Maria*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Rapunzel*, com a versão do programa *Conta pra mim*, incluindo as ilustrações. Como fundamentação teórica, nos apoiaremos em autores como Tatar (2004), Bombonato (2022), Discini (2002), Nascimento (2022), Soares (2022) e Ramalhete (2020), entre outros. Nosso objetivo específico é compreender os impactos que o tema da violência e do medo contido nos contos dos Irmãos Grimm podem causar nas crianças a partir de sua leitura e ou escuta, e as estratégias de amenização desses temas nas adaptações desses contos pelo programa do Política Nacional de Alfabetização (PNA, 2019) *Conta pra mim*. Um outro objetivo específico é apresentar as contações desses contos no canal do *Youtube Fafá conta histórias* de autoria da atriz Flávia Scherner. A pesquisa pretende contribuir com o reconhecimento da importância da literatura infantil na formação de valores e de cidadãos críticos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Irmãos Grimm. PNA. Conta pra mim. Fafá conta histórias.

ABSTRACT

This work has as the general objective to compare the tales João e Maria, Chapeuzinho Vermelho e Rapunzel written by de Grimm Brothers with the Conta pra mim program version, including the illustrations. As theoretical fundamentation, we will be based at authoers as Tatar (2004), Bombonato (2022), Discini (2002), Nascimento (2022), Soares (2022) e Ramalhete (2020), among others. Our specific objective is to understand the impacts that the violence and fear themes in the Grimm Brothers tales cause in children from their reading and listening, and the strategies to soften these themes at the adaptions from the *Conta pra mim* program of Política Nacional de Alfabetização. Another specific objective is to present these tales storytelling at the Youtube channel Fafá conta histórias authored by the actress Flávia Scherner. The search makes a great contribution to awake the importance that the children's literature has a role in forming values and critical citizens.

Keyword: Children's literature. Grimm Brothers. Conta pra mim program. Fafá conta histórias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ilustração sobre a proposta de literacia familiar	20
Figura 2 - Ilustração Wanda Gág, conto João e Maria,1936	32
Figura 3 - Ilustração Vanessa Alexandre, conto João e Maria, 2020	33
Figura 4 - Ilustração Ludwig Richter, conto João e Maria, 1842.	34
Figura 5 - Ilustração Anônimo, conto João e Maria,1936	36
Figura 6 - Ilustração Vanessa Alexandre, conto João e Maria,2020	37
Figura 7 - Ilustração Arthur Rackham, conto João e Maria, 1909.	39
Figura 8 - Ilustração Hermann Vogel, conto João e Maria,1894.	41
Figura 9 - Ilustração Vanessa Alexandre, conto João e Maria, 2020	42
Figura 10 - Ilustração Walter Crane, conto Chapeuzinho Vermelho,1875.	51
Figura 11- Ilustração Vanessa Alexandre, conto Chapeuzinho Vermelho,2020	53
Figura 12 - Ilustração Jessie Willcox Smith, conto Chapeuzinho Vermelho,1919.	55
Figura 13 -Ilustração Vanessa Alexandre, conto Chapeuzinho Vermelho,2020	57
Figura 14 - Ilustração Rosa Petherick, conto Chapeuzinho Vermelho.	58
Figura 15 -Ilustração Arpad Schmidhammer, conto Chapeuzinho Vermelho.	60
Figura 16 - Ilustração Vanessa Alexandre, conto Chapeuzinho Vermelho,2020	61
Figura 17 -Ilustração Arthur Rackham, conto Rapunzel,1916.	73
Figura 18- Ilustração Vanessa Alexandre, conto Rapunzel,2020.	75
Figura 19-Ilustração Otto Ubbelohde, conto Rapunzel,1907.	76
Figura 20-Ilustração Kay Nielsen, conto Rapunzel,1922.	77
Figura 21-Ilustração Vanessa Alexandre, conto Rapunzel, 2020.	78
Figura 22-Ilustração Ernst Liebermann, conto Rapunzel,1922.	80
Figura 23- Ilustração Vanessa Alexandre, conto Rapunzel, 2020.	81

LISTA DE SIGLAS

ACIEPE – Atividades Curriculares de Integração de Ensino, Pesquisa e Extensão

PNA - Política Nacional de Alfabetização

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

ONG- Organização não governamental

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	17
3 ANÁLISE DO CONTO JOÃO E MARIA DOS IRMÃOS GRIMM.....	24
3.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS REINTERPRETAÇÕES DO CONTO.....	26
3.2 ADAPTAÇÃO DO PROGRAMA CONTA PRA MIM.....	29
3.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS.....	32
3.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CANAL Fafá conta histórias.....	44
4 ANÁLISE DO CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO.....	46
4.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS REINTERPRETAÇÕES DO CONTO.....	47
4.2 ADAPTAÇÃO DO PROGRAMA CONTA PRA MIM.....	50
4.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS.....	52
4.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CANAL Fafá conta histórias.....	63
5 ANÁLISE DO CONTO RAPUNZEL.....	66
5.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS REINTERPRETAÇÕES DO CONTO.....	67
5.2 ADAPTAÇÕES DO PROGRAMA CONTA PRA MIM.....	70
5.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS.....	73
5.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CANAL Fafá conta histórias.....	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

Sou descendente de alemães, e minha infância foi marcada pelos Irmãos Grimm e outros autores que seguiam a mesma forma de seus contos, como o autor Heinrich Hoffmann. Meu avô, sempre foi um grande incentivador da leitura de contos, e todos que eu li com ele e que ele lia para mim e minha irmã mais velha, eram de livros bem antigos que ele guardava consigo. Fechando os olhos consigo lembrar do cheiro dos livros e das imagens, que sempre me chamaram muito a atenção e que me convidavam à leitura.

Além do meu avô, meu pai também sempre incentivou muito a leitura de contos, principalmente em alemão, para que eu e minha irmã aprendêssemos a língua e a sua leitura no processo inicial de alfabetização. Para não pegar trânsito e termos este momento de leitura no carro, sempre chegávamos bem mais cedo na escola. Era uma época que lembro com muito carinho e que acredito que tenha sido o pontapé inicial para meu gosto pela leitura.

Todos esses contos muito presentes na minha infância, pela perspectiva da cultura alemã, sempre eram bem trágicos, e alertavam o perigo caso alguma criança fizesse algo de errado ou uma travessura. A literatura infantil apareceu em meu contexto formativo na universidade muito forte a partir de um grupo de estudo na Universidade sobre Literatura Infantil, no qual pude relembrar esta fase da minha vida e a grande influência que os irmãos Grimm tiveram no meu letramento, na minha educação e alfabetização.

O grupo surgiu a partir do anúncio do Professor Doutor Geraldo Tadeu Souza na disciplina ministrada por ele de “Língua portuguesa nas séries iniciais do ensino fundamental” em 2018, de que ele gostaria de montar um grupo de estudos sobre literatura infantil, uma vez que, nesta disciplina, abordamos entre outras temáticas, a temática do ensino do gênero narrativo nos anos iniciais do ensino fundamental e realizamos um trabalho de trocas de livros infantis para construção de propostas pedagógicas sobre cinco desses livros.

Eu e uma colega chamada Ana Luiza Levi, tivemos grande interesse e entramos em contato com o professor. As reuniões eram realizadas às

quartas-feiras, no período noturno, realizamos até mesmo um projeto de Iniciação Científica, no qual o meu tinha como título “Como a BNCC e os livros infantis colaboram para uma educação anti-racista”. O grupo se iniciou no primeiro semestre de 2019, e devido à pandemia de covid¹, o grupo e o projeto de Iniciação Científica, infelizmente, acabaram não seguindo adiante, terminando ao final do segundo semestre de 2019.

A minha relação com a Literatura Infantil também esteve bem presente nos meus estágios, principalmente e de forma mais marcante, em meu Estágio Supervisionado II, em uma escola municipal, na qual acompanhei uma turma do terceiro ano. A professora, geralmente, iniciava suas aulas lendo histórias de alguns livros escolhidos por ela, e eu percebia como a sala amava escutar suas histórias. Além disso, tinham um baú na sala, cheio de livros, no qual quando sobrava tempo em sua aula, geralmente no fim da aula, a professora deixava que as crianças procurassem um livro e lessem. Neste momento, observei em prática a importância desse espaço nas aulas para a alfabetização e letramento, permitindo com que as crianças tivessem acesso aos livros todos os dias.

O estágio de Educação Infantil, realizado em uma creche municipal, também trouxe memórias importantes sobre a Literatura Infantil. Pude observar na prática a importância da ludicidade na contação de histórias, assim como veremos nesta pesquisa a respeito do canal na plataforma *YouTube*, *Fafá conta histórias*, que traz a contação de histórias dos contos analisados nesta pesquisa de forma lúdica e participativa. No estágio, lembro em específico de uma contação, na qual a professora contou uma história sobre a boneca Abayomi, de origem africana e, lindamente, ela produziu com as crianças, após a contação, uma boneca Abayomi para cada um. Tenho até hoje guardada a minha.

Nesse sentido, é importante refletir sobre o papel que a Literatura Infantil possui na identidade cultural das crianças, e em seu conhecimento das múltiplas culturas, que inclusive consta como competências e habilidades na BNCC. Por isso,

¹ Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade.

é importante pesquisar cada vez mais sobre a Literatura Infantil.

O objetivo geral desta pesquisa é fazer a comparação das versões originais e a adaptação do programa *Conta pra mim* de três contos dos Irmãos Grimm, para que possamos observar, primeiramente, o tema da violência e do medo nos contos dos Irmãos Grimm e seus impactos no desenvolvimento das crianças, que foi o que me motivou a realizar esta pesquisa, e, posteriormente, o que a amenização dessas temáticas na adaptação do referido programa pode causar no sentido da interpretação do conto e na criação de valores à sociedade.

Escolhi trabalhar estas temáticas, devido ao afeto das lembranças de infância e após refletir que impactos a violência e o medo nas leituras e escutas das histórias mais trágicas dos Irmãos Grimm teriam para o desenvolvimento infantil. Foi neste momento que me deparei com as adaptações, em especial nesta pesquisa com as adaptações do programa da Política Nacional de Alfabetização chamado *Conta pra Mim*, lançado no fim de 2019, e o que acontecia com os contos quando essas partes eram parcial ou totalmente retiradas. Este programa foi muito criticado por vários autores.

Segundo Nascimento (2022), as adaptações do programa *Conta pra Mim* não são ingênuas, e a nova roupagem com o esqueleto antigo traz muitos indícios sobre o que os autores querem passar ao leitor. O clássico João e Maria teve muitas adaptações por diversos autores como: Chico Buarque, Flávio de Souza, Tatiana Belinky, Ruth Rocha e Neil Gaiman, além do filme *João e Maria: Caçadores de bruxas* com direção de Tommy Wirkola de 2013. Cada adaptação foi pensada para seu público alvo.

Há, é claro, diferenças fundamentais entre as obras, cada uma servindo a um propósito, se poético para uma canção, se mais próximo ao suspense e terror para conquista de uma maior audiência cinematográfica. O livro João e Maria da coleção Conta Pra Mim não é exceção: também vem com adaptações que o transformam em uma história quase nova, mais próxima do que o Ministério da Educação do governo de Jair Bolsonaro acredita ser adequado às crianças e para a realização de uma “literacia familiar” bem-sucedida. (Nascimento, 2022, p.190)

Além disso, o programa se apropria do termo “literacia”, desconsiderando que, segundo Soares (2009), no Brasil, se utiliza majoritariamente o termo letramento, que foi criado para ter sentido para o português, embora em Portugal se utilize do termo *Literacy*. Mas é importante lembrar que este é um programa criado

para o Brasil, e deveria utilizar a nomenclatura consagrada nas pesquisas de alfabetização e letramento, inclusive nos documentos oficiais como a BNCC. De acordo com Soares (2009, p.18),

É esse, pois, o sentido que tem letramento, palavra que criamos traduzindo "ao pé da letra" o inglês literacy. tetre-, do latim littera, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Nesta pesquisa, faremos também a análise dos contos a partir de um canal do *YouTube*, chamado *Fafá conta histórias* mencionado anteriormente, no qual a atriz Flávia Ribeiro, conta histórias de forma lúdica. Ela escolhe muito bem os livros e os contos que são sempre de autores e versões reconhecidos, inclusive dos Irmãos Grimm, que ela conta fielmente, mas com muita delicadeza. De maneira lúdica, ela chama a atenção das crianças para o momento de leitura e contação de histórias, mudando a voz, expressões faciais, almofadas que se transformam em personagens, entre outros.

Embora *Fafá conta histórias* seja um canal do *YouTube*, no qual é necessário também internet, meios eletrônicos e acesso às tecnologias, ele se distingue do programa *Conta pra mim*, que é um programa da Política Nacional de Alfabetização (2019), que tem por objetivo alcançar toda a população brasileira, e é por isso que sua aplicação deveria ser pensada de maneira que esse acesso a todas as pessoas fosse uma realidade.

Percebo que o projeto de Flávia Scherner não é feito apenas para as crianças, pois em seu canal há diversos vídeos que trabalham como o educador, pais, mães e familiares devem se dirigir às crianças, como devem iniciar a contação de uma história, conscientizar as pessoas sobre a importância da literatura infantil entre outros. Ela promove cursos e palestras, tanto para pais como educadores e toda rede interessada na contação de histórias. Seu projeto abrange um determinado público alvo e não toda população, como o programa do PNA.

Outro ponto importante a ser discutido é em relação à qualidade das adaptações. Como vimos anteriormente, os livros do programa *Conta pra mim* são extremamente curtos, superficiais, e banalizam as temáticas do medo e da

violência, sendo elas resolvidas rapidamente na história. Já no canal *Fafá conta histórias*, as contações, em relação aos contos selecionados pela nossa pesquisa, de edições reconhecidas, de traduções de obras originais que trabalham temáticas importantes para construção de valores. Em relação ao conto *Rapunzel*, o canal apresenta a contação de *A Revolução de Rapunzel*, que é uma adaptação do conto Rapunzel, mas que traz valores que visam a mudança de perspectivas estruturais da nossa sociedade, que Tatar (2022) irá trazer em seu livro *A Heroína de 1001 faces*.

Vejo que é de extrema importância para formação pedagógica estudar mais sobre a literatura infantil, pois esta abre portas e espaços inimagináveis e deveria estar presente desde o início da nossa formação na universidade. A literatura perpassa toda nossa vida, ela conta nossa história, nos identificamos, nos reinventamos, nos conhecemos, construímos nossos valores a partir dela, e o seu acesso deveria ser a todas as pessoas, o que, infelizmente, não acontece. Estudar mais sobre a literatura infantil, para mim, é poder garantir que meus futuros alunos terão mais acesso aos contos, às ilustrações e à importância que a literatura tem na vida das pessoas.

Para desenvolver esta pesquisa, formulamos as seguintes questões em relação às versões originais e as adaptações do programa *Conta pra mim*: Que mudanças e amenizações essas adaptações trouxeram em relação à temática da violência e do medo? Que mudanças em relação à temática e aos personagens ocorreram nas adaptações em relação à versão original? Isso aconteceu também com as ilustrações? A contação de história do canal *Fafá conta histórias* traz alguma temática contemporânea?

No capítulo intitulado “Apontamentos Metodológicos”, apresentaremos como esta pesquisa foi construída, as escolhas e opções que tomei ao pesquisar sobre esta temática. Os capítulos seguintes, serão análises dos contos *João e Maria*; *Chapeuzinho Vermelho* e *Rapunzel*, todos a partir da versão original dos Irmãos Grimm, publicados pela Cosac Naify, com tradução de Christine Röhrig, apresentação de Marcus Mazzari e ilustração de J. Borges; com base em Bombonato (2022), Tatar (2004), Discini (2002), Peter Hunt (2010), Nascimento (2022), Sorares (2022), Ramalhete (2020), entre outros.

2 APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A escolha da temática e do tema de um TCC não é fácil. São muitas as opções dentro da educação que seriam de grande importância a serem discutidas em uma pesquisa como esta. Pelos estágios, ACIEPE²s e disciplinas que tive ao longo do curso de Pedagogia, tive um grande leque de opções que eu poderia seguir para realização do meu TCC, porém, achei importante trabalhar com as temáticas da violência e do medo nos contos dos Irmãos Grimm nesta pesquisa, pois eles fazem parte da minha construção como criança e pessoa e irão refletir de alguma maneira na minha forma de ensinar, pois cada professor carrega seus valores e percepções de vida, não somos pessoas neutras. Neste sentido, passei a refletir sobre as temáticas da violência e do medo nos contos infantis e que impactos a leitura e escuta desses contos teriam no desenvolvimento das crianças.

Em relação ao meu percurso metodológico para construção desta pesquisa, na primeira reunião de orientação, meu orientador perguntou se eu tinha algum conto preferido, ou que mais me trazia lembranças. Me veio em um primeiro momento uma história de um menino que não queria comer sopa e foi definhando até morrer. Eu não lembrava do nome da história e fui embora da reunião com a missão de descobrir o nome do conto. Conversando com a minha irmã por mensagem, no momento em que contei a história ela lembrou do título: “Struwwelpeter”, que no português foi traduzido para *João Felpudo* de Heinrich Hoffmann. Embora essa tenha sido a primeira história que me veio à cabeça, consideramos que o objeto da pesquisa seriam contos dos Irmãos Grimm, que sempre foram muito populares e que também fizeram parte da minha infância.

A partir das orientações do TCC, fui construindo o que seria o objeto da minha pesquisa. Ela se iniciou com a leitura dos principais contos dos Irmãos Grimm, reunidos no livro “Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815)”, da Cosac Naify. Esta edição é com a versão original dos contos, traduzidas

² A sigla ACIEPEs se refere a Atividades Curriculares de Integração de Ensino, Pesquisa e Extensão que são atividades curriculares complementares inseridas nos currículos de graduação da UFSCar, com duração semestral de 60 horas, valendo 4 créditos acadêmicos. Os estudantes podem se matricular em qualquer uma das atividades desse tipo constante no catálogo semestral de ACIEPEs, no site da ProEx.

diretamente do alemão por Christine Röhtig, com 156 contos. Ela é composta por uma caixa com dois volumes. O primeiro, com os contos de 1812 e o segundo, com os contos de 1815. Os contos são numerados, sendo 86 contos no primeiro volume e 70 contos no segundo volume. As ilustrações são xilogravuras feitas pelo artista pernambucano J.Borges. Infelizmente, os contos escolhidos para este TCC não possuem nenhuma ilustração de J. Borges, mas o trabalho do ilustrador ao longo dos livros é de grande importância, uma vez que se mesclam as culturas e proporcionam uma outra visão do conto através das ilustrações.

A partir disso, separei cinco contos que mais me chamaram a atenção e que se aproximavam das temáticas da violência e do medo. Os primeiros cinco contos eram: *Rapunzel*, *João e Maria*, *Quando as crianças brincam de açougueiro [I e II]*, *O osso que canta*, *A criança teimosa*. Em um segundo momento, fiz uma pesquisa exploratória de artigos e teses que poderiam me ajudar nesta pesquisa. Encontrei a dissertação de mestrado de Jessica Ribeiro Bombonato, chamada **A violência dos contos de fadas dos Irmãos Grimm a literatura infantil brasileira: Transformações e reinterpretações**. Esta dissertação foi um divisor de águas nesta pesquisa, pois pude extrair várias informações sobre as reinterpretações a partir do contexto histórico.

Em minhas pesquisas, encontrei também uma autora americana muito importante para a temática, que foi Maria Tatar. Em conjunto com meu orientador, encontramos o livro **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**, de 2004, que me auxiliou a observar a questão estética dos contos, algo que também sempre foi muito importante para mim nos livros desde a infância, e me identifiquei com a autora.

Maria Tatar, grande autora utilizada nesta pesquisa, é professora da John L. Loeb de Línguas e Literatura Germânicas na Universidade de Harvard, ministrando cursos de folclore e literatura infantil e estudos alemães. Publicou diversos livros, que foram premiados. Um dos seus últimos livros publicados foi o *A Heroína de 1001 Faces*, de 2022, também utilizado nesta pesquisa. Ela recebeu em 2018 o Prêmio Imagem, da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), na categoria de Trabalho Literário de Ficção de Destaque. Foi uma

autora que me identifiquei muito em relação às ilustrações e que estará presente em todas análises de ilustrações e questões sobre o protagonismo feminino.

Neste momento, reduzi os cinco contos selecionados inicialmente para três. Os três contos escolhidos foram: *Rapunzel, João e Maria e Chapeuzinho vermelho*. *Chapeuzinho Vermelho* entrou para os três contos escolhidos. Como critério, selecionamos contos que estavam presentes no programa *Conta pra mim*, para podermos comparar a versão original com a adaptação disponibilizada por esse programa.

O programa *Conta pra mim* da Política Nacional de Alfabetização de 2019 recebeu diversas críticas em relação ao material e achei que seria uma boa opção de adaptações que poderiam mostrar como as temáticas da violência e do medo foram amenizadas nesse programa. Escolhemos ainda um canal do *Youtube*, *Fafá conta histórias*, para observar como a versão dos três contos abordavam as temáticas da violência e do medo durante a contação.

Flávia Scherner, é uma atriz e apresentadora, que é especialista em Literatura Infantil e Juvenil e Contação de histórias. Abriu seu canal no *YouTube* intitulado *Fafá conta histórias* em 2015, que cresceu exponencialmente na Pandemia. Neste canal, ela conta histórias de uma maneira lúdica e divertida. O canal *Fafá conta histórias* finalista do prêmio Retratos da Leitura, do Instituto Pró-Livro, na categoria mídia em 2018 e 2019. Possui por volta de 300 mil inscritos no *YouTube* e 176 mil seguidores no *Instagram*.

Outra grande autora que utilizei para as análises, principalmente para a de *Chapeuzinho Vermelho*, foi Norma Discini, que fez sua graduação em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Botocatu (FFCLB), em 1968, fazendo Mestrado e Doutorado pela Universidade de São Paulo, concluindo seu Pós-Doutorado na França, na Universidade Paris VIII. Sua linha de pesquisa é em descrição e análise dos discursos e dos textos verbais e não verbais. Atua na área de teoria e análise linguística; Semiótica; Estilística. Seu livro utilizado nesta pesquisa é *Intertextualidade e Conto Maravilhoso*, de 2002. Ela terá um papel importante nesta pesquisa, principalmente na análise do conto de *Chapeuzinho vermelho*.

Para analisar o Programa da Política Nacional de Alfabetização, *Conta pra Mim*, utilizei os autores Nascimento (2022), Soares (2022) e Ramalhete (2020). Mariana Passos Ramalhete, é licenciada em Letras-Português e em Pedagogia pela UFES, sendo também Doutora e Mestra pela UFES. Sua linha de pesquisa é em torno da educação literária; ensino de literatura; formação de professores; leitura literária; literaturas infantil e juvenil e políticas públicas educacionais. Gabrielle Bohrer Soares, obteve seu título de licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal de Santa Catarina, através do seu Trabalho de Conclusão de Curso que utilizei para esta pesquisa. Antonio Augusto Castro do Nascimento, é licenciado em Letras – Português e Alemão pela Universidade de São Paulo e entrou para o programa de mestrado da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da FFLCH - USP, sob orientação do professor doutor José Nicolau Gregorin Filho.

O programa *Conta Pra Mim* foi lançado em 2019, sendo integrante da Política Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação, para incentivar as famílias a promover o gosto pela leitura das crianças e, para isso, foram disponibilizados, inicialmente, quarenta livros para *download*, sendo metade deles, contos de fadas. Segundo Nascimento (2022), esse programa teve grandes críticas por especialistas, devido a incongruências tanto na teoria como nos materiais disponibilizados. Os três contos analisados neste trabalho estão presentes nesta coletânea. Achei importante fazer uma reflexão sobre os aspectos políticos e sociais que um programa dessa magnitude pode trazer à sociedade.

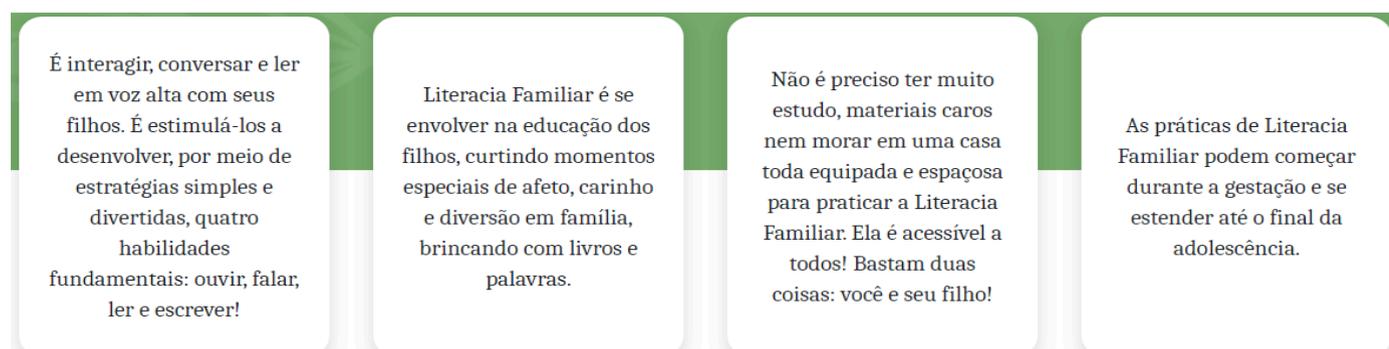
As críticas se iniciam primeiramente por ser um programa fora da realidade para muitas pessoas de baixa renda, que podem não possuir aparelhos celulares ou dispositivos eletrônicos compatíveis para fazer o *download* dos livros, e que, muitas vezes, quando tem acesso à internet, ele é muito precário. Basta ver os problemas que surgiram na aprendizagem de muitos alunos de baixa renda, que não possuíam esses aparelhos e internet para continuação do estudo na Pandemia de Covid.

Segundo IBGE, em 2022, entre as 185,4 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade do país, 87,2% utilizaram a Internet no período de

referência. Na área rural, o percentual atingiu 72,7%, em 2022. É um número alto mas que ainda não abrange 100% da população brasileira.

Ramalhete (2020), também comenta em relação às desigualdades quando afirma que “[...] é sabido que o acesso a todos é uma falácia, quando contrastado à realidade brasileira, atravessada pela desigualdade, pelo descaso governamental, pelo racismo estrutural, pela violência.” (Ramalhete, 2020, p. 157). A desigualdade em nosso país é muito grande, e milhares de pessoas não possuem acesso à internet ou meios para acessar esses conteúdos. No site do Ministério da Educação, <https://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>, o programa *Conta pra mim*, parte da Política Nacional de Alfabetização, há as seguintes informações sobre o letramento familiar, que o programa chama de “literacia” familiar:

Figura 1: Proposta de “literacia familiar” da Política Nacional de Alfabetização



Fonte: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>

Uma das frases que mais me chama atenção está no terceiro quadro. “Bastam duas coisas: Você e seu filho!”, quando na verdade é preciso ter toda uma estrutura para conseguir acesso a esses livros, além da necessidade da pessoa que irá contar essas histórias para as crianças, precisa ser alfabetizada. Nesse sentido, não depende apenas de você e seu filho.

Outro aspecto que Soares (2022) e Nascimento (2022), concordam entre si e que já foi mencionado anteriormente é sobre a ideia da falta de recursos e acesso que as famílias mais pobres possuem e sobre o slogan no site “Bastam duas coisas: Você e seu filho!” que remete a partir de Soares (2022), à grande discussão que se deu no governo de Jair Bolsonaro sobre o *Homeschooling*, uma modalidade que defende que as crianças e adolescentes possam ser educadas em casa tendo os

pais como participantes ativos da educação de seus filhos” (Soares, 2022, p.54-55) . Lembrando que além da falta de acesso a tecnologias, há também pais que não são alfabetizados.

Em relação à estética, Soares (2022, p.50) argumenta que

A exterioridade do texto como capa e folha de rosto estão presentes, porém não contribuem na experiência estética do leitor, mas sim reforçam as defesas realizadas sobre a Coleção, leitura dialogada e a literacia familiar. Há a ausência de orelhas, prefácio e contextualização do autor e ilustrador.

Em relação à literalidade, “a qualidade do texto escrito se demonstra baixa, resumindo-se muitas vezes em ações que os personagens estão realizando e pouco contribuindo para o entendimento da história como um todo” (Soares, 2022, p.51). Ou seja, a redução e modificações da história se refletem na sua leitura e na participação do leitor, o que sugere um tipo de leitor que se almeja por parte dos interesses da criação deste programa por este governo.

A relação texto-leitor é o momento em que se cria uma relação do texto com o leitor, devendo, ao mesmo tempo, dialogar com a cultura dos leitores e estabelecer relações para sua ampliação de horizontes, referências estéticas e culturais e por sua vez propiciando uma experiência significativa de leitura” (Soares, 2022, p.52). Por ter uma estética muito simplista e um texto muito rápido, o qual, como veremos nas análises, amenizam as temáticas da violência e do medo, se distanciando muito das obras originais. Neste sentido, a relação texto-leitor é prejudicada. O leitor acaba não conseguindo se envolver com o conto, refletindo e desenvolvendo valores pessoais, além de que se empobrece a ideia de narrativa, reduzindo-a ao enredo.

Infelizmente, as adaptações do programa *Conta pra mim* são versões muito empobrecidas tanto esteticamente como na sua escrita, que não representa um trabalho tão grandioso e que superou tantos séculos como o conto original de Perrault (no caso de Chapeuzinho vermelho) e os Irmãos Grimm. A literatura é algo tão maravilhoso, principalmente em nossa infância, na qual nos imaginamos na história e nas imagens, no cheiro, em cada detalhe. É muito triste que um programa dessa magnitude, que deveria atingir a todas as crianças do Brasil, trate a literatura infantil desta maneira.

Durante a pesquisa, as autoras e autores encontrados foram críticos ao programa, uma vez que “a proposta de leitura para as crianças, nos moldes de letramento familiar apresentados, nega o acesso à arte e está confinada a finalidades utilitaristas, imediatistas, moralizadoras, que não contribuem com transformação da sociedade, mas com a sua reprodução.” (Ramalhete, 2020, p.01)

Ela nega o acesso à arte no sentido da experiência estética que o leitor terá, tanto na escrita quanto nas ilustrações do programa *Conta pra mim*. Abordarei esse aspecto a partir da análise das ilustrações dos contos selecionados, achando importante fazer uma comparação entres as ilustrações trazidas por Tatar (2004) em seu livro *Contos de Fadas: Edição comentada e ilustrada* e as do programa *Conta pra mim*.

3 ANÁLISE DO CONTO JOÃO E MARIA DOS IRMÃOS GRIMM

Este conto foi retirado da coletânea **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815)**, dos Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, pela editora Cosacnaify. Parto da leitura do conto original de *João e Maria* dos Irmãos Grimm, para que seja possível fazer uma comparação e analisar a adaptação deste conto no programa *Conta pra mim*, além de poder compartilhar a minha leitura do conto original.

Podemos perceber que os Irmãos Grimm trazem ao longo do conto uma atmosfera e um cenário que contextualiza toda a trama. Por meio de suas descrições, nosso imaginário cria e recria as cenas em nossos sentidos. Através da minha experiência com a literatura e da maneira como o conto foi escrito, senti o peso das pedras que João guardou em seu casaco, a quantidade de pão e sua falta de saciedade, a exaustão do caminhar das crianças, além de quando João caracteriza as janelas como bem docinhas e que Maria deveria experimentá-las, se servindo do telhado, me veio o sabor doce, um pão macio e me trouxe para dentro da história. Todas essas formas de caracterização da trama, convidam o leitor para que ele adentre na história e se torne um participante ativo da narrativa

Em relação ao tema da violência e do medo, que me instiga nesta pesquisa, podemos pensar no medo do abandono, de como uma criança se vê sem os pais, sem o cuidado e a proteção que necessitam nesta fase. No conto não percebi um sentimento de revolta por parte das crianças de como os pais teriam coragem de abandoná-los, talvez por no contexto da epidemia da peste e fome em que se dá a narrativa, essa ser uma prática naturalizada. A palavra “devorados” encontrada no conto, carrega um peso maior de violência, porém traz uma atmosfera e o contexto no qual ele se passa e constrói o sentido de suspense.

O medo que a personagem Maria sente e que sempre chora ao sentir é um medo comum às crianças, o que acaba gerando uma grande identificação delas com a personagem do conto. Minha percepção do medo e da violência no conto foi mudando ao longo das diversas vezes que fui lendo e relendo. Acredito que assim possa ocorrer com a leitura das crianças. Este conto em específico não é tão aterrorizante como outros que acabei lendo para realização desta pesquisa, mas quando a criança já sabe o que irá acontecer, por já ter lido mais vezes, ela se sente mais confortável e gosta do suspense. Digo isso a partir da minha experiência

profissional como monitora escolar³ no município de Piedade-SP e dos meus estágios realizados na graduação.

Podemos observar também, assim como na atualidade, as crianças que são abandonadas, acabam aprendendo a viver sozinhas, mesmo muito novas, amadurecendo muito rápido, mesmo havendo atualmente toda uma rede de proteção à criança e ao adolescente. João e Maria foram abandonados pelos pais na floresta, e os dois juntos tiveram que lutar para sobreviverem em meio a uma floresta cheia de animais selvagens e perigosos, falta de água e comida, se sustentando apenas com meio pedaço de pão e algumas amoras silvestres que encontraram pelo chão.

Outro ponto importante do conto é em relação ao protagonismo feminino. De início, a personagem Maria é deixada de lado e o personagem João sempre é o mais esperto, mais ágil, com um controle emocional muito maior, pois em nenhum momento é mencionado que ele chora de medo ou preocupação. Por outro lado, é ele que precisa ficar bem gordo para ser servido para a bruxa. Porém, no final do conto, é a personagem de Maria que se torna uma menina forte, corajosa e que salva a todos. Achei muito importante esta inversão, principalmente em uma época na qual essas características de uma mulher não eram tão valorizadas e externalizadas.

A religiosidade é muito presente neste conto. Os personagens João e Maria, em momentos de aflição, sempre partem para pedir ajuda a Deus. Percebe-se isso, primeiramente, quando João tenta sair para pegar novamente as pedrinhas para acharem o caminho de volta pra casa, mas percebe que a porta foi trancada pela mãe, e em seguida, Maria começa a chorar e João fala para ela “Durma bem Maria, o bom Deus vai nos ajudar”. O segundo momento que o conto faz referência à religiosidade é quando a bruxa tem a intenção de enganar Maria e trancá-la dentro do forno e o narrador do conto menciona sobre a inspiração de Maria: “Mas Deus inspirou Maria, que disse para a personagem da bruxa: “Eu não sei bem como fazer, me mostre primeiro, sente-se na tábua que eu a empurro”.

É um conto que traz os aspectos do perigo de acreditar em desconhecidos,

³ Monitora escolar: Entrei como cargo efetivo de Monitor Escolar em Piedade-SP em setembro de 2021, no qual me encontro até o momento da escrita desta pesquisa. Algumas de nossas funções são zelar pelo bem estar da criança, cuidando da higiene pessoal, alimentação, aferição de temperatura, conferência de roupas adequadas às condições climáticas e também do estímulo pedagógico através de brincadeiras e contação de histórias. É a partir deste papel que trago minhas experiências para esta pesquisa.

pois as crianças foram enganadas pela bruxa, mas não carrega o peso de um conto apenas moralizante, já que ele abre caminhos para discussão de problemas sociais como a fome e suas implicações, além dos valores sociais que podem ser construídos.

3.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS REINTERPRETAÇÕES DO CONTO

João e Maria é um conto clássico que sobreviveu a muitas épocas e contextos de sociedades distintas. O conto sofreu diversas adaptações ao longo dos anos e continua a ser muito lido no mundo inteiro. Porém, é importante resgatar o contexto histórico deste conto pelos irmãos Grimm, coletado oralmente nas comunidades germânicas. Este conto foi publicado como número 15 e a fonte de registro foi Henriette Dorothea, que veio a ser esposa de Wilhelm Grimm. Foi coletado oralmente, com o título original *Hänsel und Gretel*, baseado em narrativas da região de Hesse (Bombonato, 2022).

Bombonato (2022) traz muitas informações históricas com as quais me identifiquei ao ler o conto. A primeira é em relação à questão da fome. A fome é algo que perpassa a sociedade ao longo de séculos. Uma das características mais marcantes do período em que é narrado o conto foi a peste e a fome que assolou a Europa. Até serem publicados os primeiros contos dos Irmãos Grimm, houve três grandes epidemias de fome na Europa. “Até o ano das primeiras publicações da coletânea de *Kinder und Haus Märchen*, a Europa já havia passado por três grandes epidemias de fome – a grande fome de 1315-1317, o grande inverno de 1708-1709, e o pico de mortalidade nos primeiros anos de 1740”. (Bombonato, 2022, p.110)

Algo que nos choca no conto em relação à temática da violência é a questão do abandono das crianças na floresta, porém se pensarmos historicamente, essa era uma prática naturalizada devido às grandes epidemias de fome. Segundo Bombonato (2022) e Tatar (2004), podemos perceber esta prática não apenas no conto de João e Maria, mas também no conto “Pequeno Polegar”, também de autoria dos irmãos Grimm. Ou seja, esta prática, a partir do que foi coletado oralmente, era algo comum na época e apresenta um dos maiores medos das crianças, que segundo Bombonato (2022, p.111) :

O egoísmo dos pais tem um efeito dramático sobre os filhos, pois eles parecem nem mesmo tentar superar a dificuldade juntos, decidindo por abandonar as crianças. Essa exposição contém uma das piores fantasias de medo das crianças que, principalmente quando são pequenas, nem conseguem imaginar uma vida sem os pais, porque do contrário morreriam de fome (BETTELHEIM, 1984). Uma criança experimenta a rejeição como um medo que ameaça sua vida.

A temática do medo é algo que acredito ser importante ser discutido, visto que foi algo que me motivou nesta pesquisa. Ao iniciar este trabalho de conclusão de curso, observava as histórias dos Irmãos Grimm como uma forma de “educar pelo medo”, coagindo as crianças que não se comportassem, de forma a serem punidas de alguma maneira de forma natural pelos seus atos. A partir da última citação de Bombonato (2022), podemos ver que o conto traz essa fantasia do medo do abandono e rejeição das crianças pelos pais. Embora este medo esteja muito presente dentro do conto, ele não é colocado como uma punição, ou seja, não seria um “educar pelo medo”, mas é retratado na história a partir do contexto histórico no qual o conto passava, sendo talvez importante trazer este contexto para as crianças antes da leitura e fazer uma roda de conversa sobre a violência gerada pela epidemia de peste e pela fome.

Problematizando um pouco para nossa atual sociedade, a fome continua existindo, e o abandono de crianças devido à fome também. É um problema que perpassa toda nossa história e, por isso, o conto continua sendo tão atual. Neste sentido, acredito que adaptações que retirem o contexto histórico, como veremos mais adiante, acabam descaracterizando a história e seu sentido mais profundo, importante para reflexão.

Outra análise feita por Bombonato (2022) em relação ao conto, é o papel social da mulher. A autora não vai muito a fundo neste tema, mas coloca que é importante observarmos que o abandono das crianças na floresta é uma proposta que parte da figura materna, e foi mais “amenizada” ao longo das adaptações feitas do conto do que a própria violência. “É curioso observar que a circunstância inicial familiar, principalmente a intenção de abandono por parte da figura materna, é mais mutável do que os próprios atos de violência que ocorrem no conto”. (Bombonato, 2022, p.111).

Quando a autora fala que a figura materna é mais mutável, ela cita isso em relação às adaptações feitas ao conto ao longo dos anos, ou seja, esta é uma questão polêmica, na qual pela sociedade, a figura materna deve ser possuidora de um instinto materno de cuidado e proteção, no qual ela é muito mais punida por um abandono de um filho, do que a figura paterna. Isso também é uma questão que perpassa toda a história e que continua deixando o conto com problemáticas muito atuais e propícias para reflexão em torno das temáticas da violência e do medo.

Tatar (2004), autora que trataremos mais especificamente no próximo tópico, fala sobre a semelhança deste conto com o conto “O pequeno polegar” e que além disso: “Nas primeiras versões do conto, o lenhador e a sua esposa eram os pais biológicos das crianças. Já na quarta edição [...] em 1840, os Grimm haviam transformado a “esposa” numa “madrasta” e feito dela a verdadeira vilã da história”. (Tatar, 2004, p.52). Neste momento, podemos fazer um paralelo com o que Bombonato (2022) traz sobre o papel social da mulher, negando que uma mãe, com seu instinto materno, seria capaz de abandonar seus filhos, caracterizando este ato como de extrema violência. Em relação às imagens que serão analisadas, as que Tatar (2004) traz em seu livro, todas já partem da edição com a personagem da madrasta substituindo a personagem da mãe.

Ainda em relação ao tema da violência no conto *João e Maria*, Bombonato (2022) traz os aspectos do canibalismo. A personagem da bruxa atrai as crianças a sua casa por meio de uma casa toda feita em doces, que é algo que atrai extremamente as crianças para comê-los. O canibalismo pode surgir neste conto, no sentido de antigos rituais de sacrifício humano, como uma possível subversão das práticas germânicas pré-cristãs. (Bombonato, 2022). O canibalismo é uma prática que também perpassou a história e ainda existe, embora bem distante de nossa realidade. É importante destacar que o canibalismo abriu portas para muitas pessoas também refletirem sobre o não consumo de carne de animais, e portanto o conto pode contribuir para reflexões neste sentido também.

A morte da personagem da bruxa queimada no forno, também vem de uma perspectiva histórica. Em 1532, houve a promulgação do código penal (*Constitutio Criminalis Carolina*) pelo Sacro Imperador Romano Carlos V, no qual diversos crimes, tinham como punição, a morte por fogo, sendo incluídos atos de bruxaria.

Em 1572, Augusto, eleitor da Saxônia, impôs como pena a qualquer pessoa que cometesse atos de bruxaria ou adivinhação, deveria ser queimada viva. No período de “caça às bruxas”, que foi entre 1550 a 1650, cerca de quarenta mil a cinquenta mil pessoas foram mortas queimadas (Bombonato, 2022).

Portanto, podemos perceber o quanto o conto *João e Maria* é significativo para compreender as temáticas da violência e do medo em um determinado contexto histórico. Neste sentido, Bombonato (2022, p.116) argumenta:

A imagem de crianças famintas e indefesas derrubando um opressor bem alimentado e capaz é poderosa, e provavelmente ajuda a explicar a popularidade contínua da história. Em um período de múltiplos deslocamentos e abandono, podemos imaginar que tanto as crianças quanto os pais precisavam de histórias de crianças competentes que pudessem sobreviver ao abandono na floresta.

Como vimos, a história do conto, por mais simples que ela possa parecer, carrega muitos aspectos históricos, valores morais e sociais que são importantes para superação de diversos problemas dentro da sociedade. As problemáticas do passado voltam à tona com outra roupagem, mas possuem a raiz no mesmo problema: a desigualdade social, o papel social da mulher, a fome, o abandono, entre outros. A literatura infantil é de extrema importância neste sentido, uma vez que a partir dela é possível formar cidadãos críticos.

3.2 ADAPTAÇÃO DO PROGRAMA CONTA PRA MIM

Percebe-se na comparação entre o conto original e a adaptação do programa *Conta pra mim*, que a adaptação é muito menor, com menos detalhes e que altera papéis importantes dos personagens. A adaptação parte da ideia de que as crianças não foram abandonadas, mas que se perderam na floresta por terem o costume de passear na floresta para colher flores.

A ideia da utilização das pedras e das migalhas de pão, para João e Maria não se perderem, nesta adaptação, não parte da personagem de João, mas da personagem da Mãe que se preocupa com as crianças e que, por não achar as pedras, acaba dando o miolo de pão a eles.

Nesta versão, a personagem da mãe permanece como mãe das crianças e não como madrasta, e não compactua em nenhum momento com uma visão que pudesse prejudicar os filhos. A adaptação retrata uma família feliz e perfeita, que estariam juntos em qualquer adversidade, diferentemente do que é relatado no conto oficial dos irmãos Grimm, no qual segundo Bombonato (2022), “O egoísmo dos pais tem um efeito dramático sobre os filhos, pois eles parecem nem mesmo tentar superar a dificuldade juntos, decidindo por abandonar as crianças” (Bombonato, 2022, p. 111).

Nesse sentido, a adaptação retira toda e qualquer adversidade da história, e podemos refletir sobre qual versão se parece mais com a nossa vida? Devemos apresentar através dos contos uma utopia ou uma história que converse com a nossa realidade e nos permita criar valores e reflexões sobre nossos atos?

O personagem do pai, que possui grande destaque na versão original, que se preocupa com os filhos, que os abandona na floresta contra sua vontade, e que fica muito contente nas duas vezes que as crianças conseguem voltar pra casa, já nesta adaptação praticamente não se fala dele, apenas ao final quando é mencionado que os pais estavam na cozinha chorando e orando pelos filhos que se perderam na floresta. Outra diferença desta versão é que a personagem de João morreria assado e não cozido. É omitida toda a parte do sofrimento da personagem de Maria quando a personagem da bruxa pede para ela esquentar a água para cozinhar seu próprio irmão, não trazendo a ideia de que a personagem da bruxa estaria tentando enganar Maria, para jogá-la no forno para comê-la assada.

A religiosidade de cunho cristão é preservada quando a personagem da mãe ao se despedir das crianças diz: “Vão com deus” e também quando é mencionado que os pais estavam na cozinha chorando e rezando pelos filhos. Percebe-se que é algo preservado no conto, porém a partir de outros personagens. Na versão original é sempre João e Maria que se voltam à religiosidade, mesmo em momentos como a falta de alimento, os pais não se voltam à fé cristã. Já na adaptação, não são as crianças que buscam a Deus, mas sim os pais.

Além disso, em relação ao tema da violência e do medo analisada no conto original, nesta versão há palavras e trechos que nos remetem também ao medo como: “voz rouca e arrepiante”, “devorar crianças”. Embora haja esses trechos, não

é mencionado que a personagem da bruxa morre queimada porque Maria a tranca o forno, isso fica subentendido no texto, podendo ela ter morrido ou conseguido escapar do forno após a fuga das crianças. Outra característica que difere as duas versões no tema da violência é que a mãe é totalmente boa, sem intenção de abandonar os filhos na floresta, ela não morre ao final e fica muito contente ao ver os filhos retornarem salvos.

Nesta adaptação do programa *Conta pra mim*, podemos perceber também que se perpetua a ideia do papel social da mulher como aquela que zela pelo cuidado dos filhos e do lar, uma mulher boa, incapaz de abandonar seus filhos. O personagem do pai, como não é mencionada sua presença em grande parte do conto e que não encontra os filhos quando saem de casa, pode se subentender que seu papel social é o de provedor da casa e de recursos, que estaria conseguindo o sustento da sua família, já que, nesta versão, eles não passam fome. Podemos perceber que essa adaptação torna o conto muito mais moralizante e também carrega formação de valores, mas quais valores? Ao meu ver, esses valores contribuem para a perpetuação de uma sociedade patriarcal, pois como mencionado anteriormente, o enredo permite a observação de uma estrutura familiar patriarcal, com a mãe, sendo uma mulher submissa, cuidando dos filhos e da casa e o pai como provedor de recursos.

Concordo com o autor Nascimento (2022), quando ele afirma que a narrativa do conto, a partir do programa *Conta pra mim*, elimina toda e qualquer situação dolorosa e aterrorizante, deixando assim uma narrativa singela, na qual a bruxa é a única face má da história e as crianças conseguem se livrar dela rapidamente. Ela se mostra apenas como instrumento de um discurso moralizante e pedagógico para as crianças. Segundo o autor Nascimento (2022, p.193):

Eliminar “as sombras” de um conto subestima a inteligência e capacidade emocional de uma criança que, dentro desse entendimento, seria incapaz de lidar com as emoções despertadas por uma história em que a figura materna é má. Além disso, ela passa um ideal de sociedade em que toda mãe é boa e dedicada e incapaz de qualquer ato vil, algo descolado da realidade e com o qual as crianças, querendo ou não, acabam entrando em contato.

Iniciei o estudo sobre os contos dos irmãos Grimm com um pensamento de que os temas da violência e do medo, a dor e o terror dos contos seria algo prejudicial para o desenvolvimento dos alunos, porém, com os diálogos feitos com

os autores que li, mudei minha percepção, principalmente após ler sobre essa adaptação do programa *Conta Pra Mim*.

Algumas adaptações retiram o valor histórico de determinadas temáticas na sociedade e, neste último caso, até mesmo a emoção do conto, tornando a narrativa apática. Vemos o quanto vem crescendo o número de crianças que possuem dificuldade de lidar com seu emocional e os contos podem ajudar nisso, desde que sejam mantidas histórias com diferentes contextos históricos que não sejam moldados para que sempre todo conto terá um final feliz e os temas da violência e do medo sejam apagados da narrativa. Isso reflete a tendência contemporânea de eliminar as frustrações.

3.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

As ilustrações dos livros sempre me chamaram muito a atenção. Desde pequena sempre gostei de observar as ilustrações e a forma como os livros eram constituídos. Tatar (2004, p. 9) reflete sobre a importância da estética e das ilustrações, principalmente em seu livro **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**:

Parte do poder dessas histórias deriva não só das palavras como das imagens que a acompanham. No exemplar dos contos de fadas dos irmãos Grimm de minha própria infância, que só se conservava inteiro a custa de elásticos e fita adesiva, há uma imagem que vale mais que mil palavras. Cada vez que abro o livro nessa página, sou inundada por uma torrente de lembranças da infância e, por alguns instantes, experimento como era ser criança. As imagens que acompanhavam *Cinderela*, *Chapeuzinho vermelho* ou *João e o pé de feijão* em antigas edições de contos de fada tem uma força estética que exerce um domínio emocional raramente encontrado na obra de ilustradores contemporâneos, e por essa razão retornei a tempos e lugares passados em busca das imagens que acompanham as histórias deste volume.

Em seu livro, ao longo de cada conto, Tatar (2004) apresenta algumas ilustrações de diversos anos, que possuem para ela um significado importante e que retratam bem a cena descrita. Me identifico com a autora no sentido do impacto que as ilustrações exercem sobre nós nos livros. Desde pequena, sempre amava abrir os livros, sentir o cheiro deles e observar atentamente cada ilustração. Em minha lembrança ainda consigo sentir o cheiro dos livros do meu avô.

Eu amava observar cada detalhe das imagens, que para mim, deixavam a história ainda mais real. Até hoje as ilustrações e o cheiro dos livros constroem para mim a atmosfera perfeita para leitura de um livro e, ao meu ver, as ilustrações compõem a mesma importância que o texto escrito. Me senti contemplada com a importância que Tatar (2004) dá às ilustrações e as ilustradoras e ilustradores em seu livro.

A partir de Tatar (2004), farei uma análise das ilustrações comentadas pela autora em seu livro sobre o conto, e irei compará-las com as ilustrações do exemplar disponibilizado pelo programa *Conta pra mim*. As ilustrações que foram trazidas pela autora ao longo do conto variam em formas, estilos e anos em que foram publicados. Todas as ilustrações são em preto e branco, algumas mais realistas e outras mais abstratas. Todas carregam um sentido para o texto e nos convidam à imaginação. A versão que Tatar (2004) utiliza em seu livro é a “*Hänsel und Gretel*”, em “*Kinder und Hausmärchen*”, 7ª edição, Berlim: Dietrich, 1857.

Figura 2: Ilustração Wanda Gág, conto João e Maria, 1936.

WANDA GÁG, 1936
 Numa clareira as crianças descobrem a curiosa e encantadora casa de pão, cuja porta da frente é guardada por um gato. Só o dorso arqueado do gato oferece um sinal de que poderia haver algo de sinistro atrás da porta.



Fonte: Tatar (2004, p.57).

A ilustração da figura 2 é do ano de 1936 e foi desenhada por Wanda Gág, desenhista, autora e artista norte-americana. Ela possui uma estética mais sombria em suas ilustrações, com destaque na cor preta. Esta foi retirada do livro “*Tales*

From Grimm”, bem como outras que Tatar (2004) também utilizou em seu livro. Suas ilustrações me trazem a impressão de que ela anda. A forma da copa das árvores, das plantas e da chaminé, sugerem um movimento.

Ela nos apresenta que os personagens João e Maria chegaram à casa da bruxa durante a noite, reforçando o clima sombrio da descoberta e o medo, juntamente com o gato que Tatar (2004) comenta sobre ilustração. Parece que era lua cheia, pois as personagens e a casa estão iluminadas naturalmente. Seus olhares são de espanto, desconfiança e medo, mas ao mesmo tempo maravilhados com a quantidade de doces que aquela casa parecia ter. Podemos perceber que a casa é bem representada pelo que é apresentado na literatura, feita de biscoitos, cobertos com açúcar, na porta há um biscoito de boneco e um *bräzel*, que é um pão doce ou salgado que é muito comum na europa. Há vários detalhes em açúcar.

Figura 3: Ilustração Vanessa Alexandre, conto João e Maria, 2020.



Fonte: BRASIL, João e Maria, 2020, p.06

Fazendo uma comparação com a ilustração da figura 2, de Wanda Gág, percebemos como a ilustração da figura 3, de Vanessa Alexandre, acompanha a amenização da literatura do programa *Conta pra Mim*, quando desenha um ambiente muito mais convidativo às crianças, começando por um dia bonito, claridade, uma chaminé que não sai fumaça, mas sim *chantilly*. As crianças ficam impressionadas também com a quantidade de doces, mas parecem menos assustadas do que na ilustração anterior.

A casinha é confeccionada com a mesma estrutura de biscoitos, com um telhado acima da porta principal, há várias rosquinhas e acabamentos em açúcar, além das bengalas de açúcar que acompanham o caminho até a porta. Nesta ilustração há um esquilo que passa pelo galho da árvore que, diferentemente do

gato à frente da porta, da ilustração da figura 2, de Wanda Gág, nos remete a uma tranquilidade no ambiente, da tranquilidade da natureza.

A seguir, analisamos três ilustrações (figuras 4, 5 e 6) que tematizam o encontro das personagens de João e Maria com a personagem da bruxa.

Figura 4: Ilustração Ludwig Richter, conto João e Maria, 1842.



LUDWIG RICHTER, 1842

Esta antiga ilustração do conto dos Grimm deu o tom para representações posteriores da bruxa. Os dois irmãos se agarram, desesperados, ao serem apanhados comendo da casa. Detalhes sob a cena mostram outros momentos do conto, inclusive a fuga dos irmãos e seu encontro com o pai.

Fonte: Tatar (2004, p.60)

A ilustração da figura 4 é bem interessante de ser analisada. Ela foi ilustrada por Ludwig Richter, em 1842. Ela é uma ilustração bem completa, pois como Tatar

(2004) aponta em seu comentário, além da ilustração dos dois irmãos se abraçando com medo ao verem a bruxa, é possível perceber um carretel na parte inferior com um pequeno resumo sobre a história. Há a ilustração de diferentes cenas da narrativa: as personagens João e Maria sendo abandonados na floresta; o encontro com a bruxa; o momento que eles conseguem se libertar da bruxa; e o encontro com o pai. O traço também é bem diferente, mais fino e delicado, mas traz a característica de árvores da floresta, uma casa mais pontiaguda e um morcego acima da casa, que nos traz a ideia de suspense ou de “mau agouro”.

Essa ilustração me remete a uma “casinha de biscoitos”, a fumaça da chaminé me remete ao aconchego, ao calor para se esquentar em meio a uma floresta gelada, e aos doces, que é a perspectiva que o conto quer passar, pelo qual os personagens João e Maria são atraídos à casa da bruxa, e se choca com a ilustração de João abraçando Maria, com medo da senhora que se apresenta na porta, no caso a personagem da bruxa.

É possível perceber também que a ilustração da figura 4 carrega várias marcas da versão a qual ela pertence. Se observarmos, na parede de cima da casa, há a figura de patos, que podem estar representando a versão do conto, diferente da analisada, no qual para voltar para casa, as crianças pegam carona com uma pata, que é a versão que Tatar utiliza em seu livro.

Figura 5: Ilustração Anônimo, conto João e Maria, 1936.



ANÔNIMO, 1936

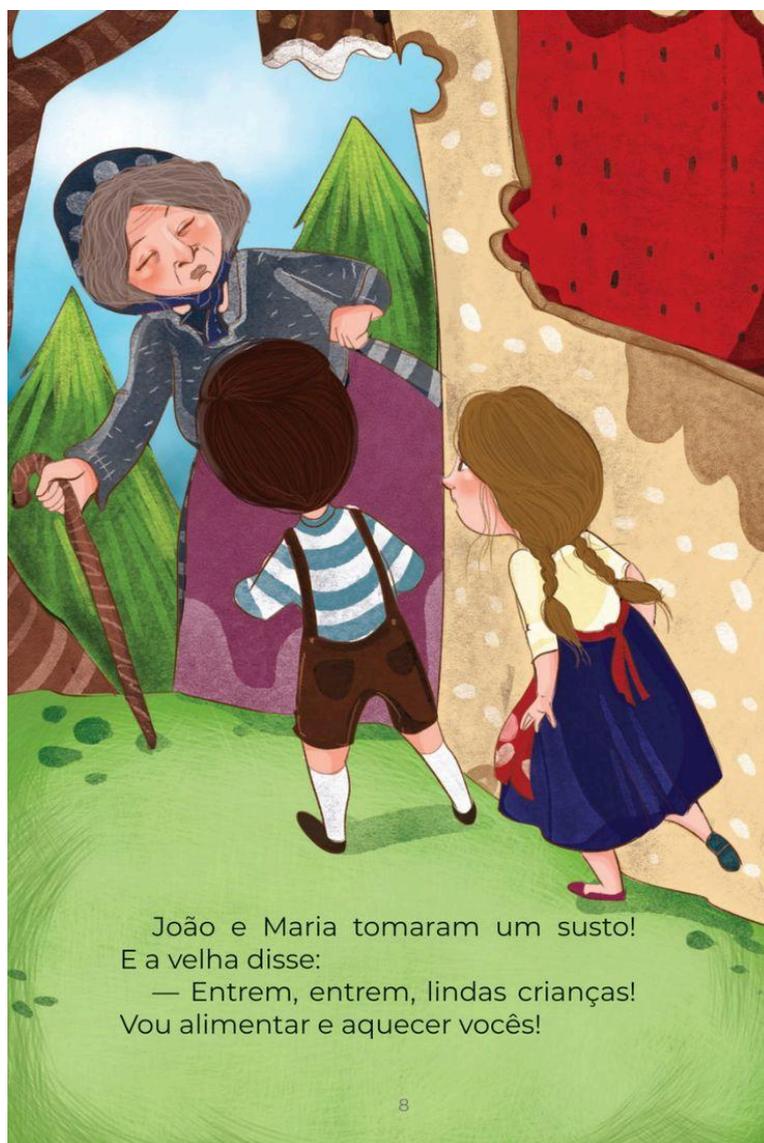
Uma bruxa míope espreita pela porta, enquanto Maria se regala com vidraças de açúcar e João morde uma fatia de pão. O corvo no primeiro plano tem um osso agourento no bico.

Fonte: Tatar (2004, p.58)

A ilustração da figura de autor anônimo, do ano de 1936, possui uma forma mais realista em relação às demais ilustrações, porém, podemos ver que as crianças são retratadas como crianças, mas a personagem da bruxa carrega um aspecto mais sombrio de não-humana, o que pode provocar sentimentos de suspense e de medo ao que surgirá depois.

Ela me causou grande sentimento de suspense, talvez devido ao aspecto mais realístico, uma casa mais antiga, com uma porta de madeira mais rústica, um telhado torto, e uma bruxa que está em um plano fora do alcance da vista das crianças, “na espreita”, e que a qualquer momento ela irá aparecer para eles. A ilustração é mais sombria também devido a iluminação mais escura. Além disso, diferentemente da ilustração da figura 4, de Ludwig Richter e da ilustração da figura 3, de Vanessa Alexandre, a casa não parece feita totalmente de biscoitos, mas o personagem João está mordendo uma fatia de pão, possuindo ainda uma parede coberta de doces. O passáro preto à esquerda da imagem, remete ao mesmo aspecto sombrio do gato da ilustração da figura 2, de Wanda Gág.

Figura 6: Ilustração Vanessa Alexandre, conto João e Maria, 2020.



João e Maria tomaram um susto!
E a velha disse:
— Entrem, entrem, lindas crianças!
Vou alimentar e aquecer vocês!

Fonte: BRASIL, João e Maria, 2020, p.08

A ilustração da figura 6 a ser analisada, foi retirada do livro do programa *Conta pra mim*. Porém, em relação às ilustrações das figuras 4 e 5, que remetem à mesma cena, a personagem da bruxa acaba não se parecendo ou se caracterizando muito com a bruxa que a nossa sociedade internalizou. Ela parece ser uma senhora dócil, e mesmo nas páginas seguintes da adaptação, a personagem continua sendo retratada nas ilustrações da mesma maneira, parecendo dócil e agradável, incapaz de fazer mal a alguém.

Nas ilustrações das figuras 4 e 5 analisadas, tiradas do livro de Tatar (2004), percebemos o aspecto sombrio e a caracterização da personagem da bruxa como

geralmente as bruxas são ilustradas: nariz pontiagudo, dedos finos, uma característica maléfica, e especialmente na última de 1936, um aspecto não-humano. Já nesta ilustração da figura 6, de Vanessa Alexandre, a bruxa não possui nenhuma característica de bruxa, as crianças vão ao seu encontro de forma curiosa e tranquila, sem nenhum tipo de apreensão. O clima está bom, as árvores são pontiagudas, mas não revelam nenhum clima de maior suspense ou aviso do que está por vir.

Hunt (2010. p. 236), neste aspecto, faz uma crítica aos livros ilustrados que ilustram apenas o que as palavras dizem, sem haver uma reflexão e interpretação, apontando que:

Mas – e infelizmente isto é verdade- os livros ilustrados também podem fixar as palavras numa interpretação restritiva, prosaica. É óbvio que não há nenhum sentido no qual as imagens possam “simplesmente” ilustrar o que as palavras dizem; elas devem interpretá-las, mas a interpretação pode ser insípida ou ajustar-se a estereótipos visuais de forma ou cor ou padrões visual-verbais comerciais / populares. Toda ilustração é uma interpretação, apesar da opinião de Brian Alderson de que muitos dos primeiros exemplares de livros com ilustração são “de ordem da representação: retratos literais do que o texto diz”.

Na ilustração da figura 6, de Vanessa Alexandre, do programa *Conta pra mim*, embora através da ilustração as crianças não parecem assustadas como é descrito pelas palavras, mas sim apreensivas e curiosas, a ilustração revela apenas o que as palavras dizem. Isso pode acontecer principalmente pelo texto curto acompanhado pela ilustração.

Já nas ilustrações que Tatar (2004) traz para acompanhar o texto, percebemos que além do texto, as ilustrações trazem características que compõem o contexto, seja recapitulando a história através de quadrinhos como na ilustração da figura 4, de Ludwig Richter, ou apresentando a versão do conto através dos patos desenhados acima da casa; ou ainda através do gato e o corvo, que demonstram que algo de ruim pode acontecer.

As três ilustrações (figuras 7, 8 e 9), a seguir, ilustram outro momento da narrativa que mostra a personagem João preso em uma gaiola para engordar e ser comido pela personagem da bruxa.

Figura 7 : Ilustração Arthur Rackham, conto João e Maria, 1909.



ARTHUR RACKHAM, 1909

Mesmo impotente em sua gaiola, João usa sua sagacidade para passar a perna na velha, mostrando-lhe um galho como se fosse seu dedo.

Fonte: Tatar (2004, p.60)

A ilustração da figura 7 é de autoria de Arthur Rackham, em 1909. Segundo Tatar (2004), foi a partir de 1900 que ele foi convidado a ilustrar *Os contos de fadas dos Irmãos Grimm*, trabalho pelo qual teve maior afeto do que em outros trabalhos. Para ele, as ilustrações tinham grande papel na literatura, uma vez que, de acordo com Tatar (2004, p. 368), ele

Defendia a importância da fantasia e do capricho em livros para crianças e dizia acreditar firmemente no “extremo poder estimulante e educativo de imagens e escritos imaginativos, fantásticos e divertidos para crianças em seus anos mais impressionáveis”. Para Rackham, as ilustrações transmitiam os prazeres dos textos, comunicando o “senso de encantamento ou emoção despertado pela literatura que as acompanha”.

Embora tenha sido publicado décadas anteriores às outras, a ilustração da figura 7 retrata também de maneira mais realista a personagem da bruxa e o personagem João que está preso na gaiola. Podemos perceber a expressão nítida do personagem João assustado quando apresenta um galho ao invés de seu dedo para fugir da panela. Há um aspecto sombrio também devido à falta de iluminação, no local em que ele se encontra, que pode trazer a tona o sentimento do medo ao interlocutor.

A ilustração traz aspectos mais reais, principalmente do rosto do personagem João. Não se observa o rosto da bruxa, mas através de suas vestimentas, perda de musculatura, postura e seu apoio para andar, se percebe que se trata da bruxa que possui dificuldades para enxergar e que acaba enganada pelo personagem João. A gaiola na qual ele é preso é feita de madeira, parecendo, de certa forma, que as grades são frágeis, porém há um grande cadeado preso a uma madeira que fecha a porta da grade, que aparenta ser de madeira bem reforçada.

Figura 8: Ilustração Hermann Vogel, conto João e Maria, 1894.



HERMANN VOGEL, 1894

Com seus comparsas, o gato e o corvo, a bruxa fica impaciente para engordar João para colocá-lo no caldeirão, acima do qual aparece sua presa mais recente.

Fonte: Tatar (2004, p.61)

Já a ilustração da figura 8, de Hermann Vogel, de 1894, apresenta muitos aspectos interessantes de serem comparados com a ilustração do programa *Conta pra Mim*. Ela retrata o momento no qual a bruxa pede para a personagem Maria esquentar água, pois ela iria cozinhar o personagem João estando ele gordo ou não. Embora a ilustração não tenha o sombreado escuro que remete ao sombrio, ela traz características bem aterrorizantes.

Em primeiro lugar, porque tem a imagem de uma ave e um rato pendurados no teto, prontos para serem cozinhados. Em segundo, porque ela segura em sua mão uma faca e vai em direção à gaiola onde João está preso que é reforçada por

uma corrente do lado de fora. O corvo preto pode nos remeter ao momento em que a morte de João que se aproxima. Há ossos e alimentos pelo chão, e percebemos que a personagem Maria olha com espanto e medo para a faca na mão da bruxa. A bruxa é caracterizada como bruxa, com nariz pontudo, aspecto envelhecido, um gato e um pássaro escuro nos ombros, um chapéu pontiagudo, e que possui um caldeirão.

Diferentemente ilustração da figura 8, a ilustração da figura 9, de Vanessa Alexandre, na adaptação do programado *Conta pra Mim*, não caracteriza todo o ambiente do que se espera de uma casa da bruxa, além de não ilustrar o momento específico de quando a bruxa decide cozinhar o personagem João, possuindo apenas a cena da bruxa verificando o tamanho do dedo de João.

Figura 9: Ilustração Vanessa Alexandre, conto João e Maria, 2020.



Fonte: BRASIL, João e Maria, 2020, p.10

Podemos comparar ilustração da figura 9 com a ilustração da figura 7, de Arthur Rackham, de 1909, que representam a mesma cena da bruxa conferindo se

João já estava gordo o suficiente para ser cozido, sendo enganada por ele através de um galho, na figura 7 e de um osso de galinha na figura 9. A primeira característica que chama a atenção é a expressão do personagem João. Na ilustração de 7, o personagem João parece apreensivo se a bruxa acreditaria no galho que ele ofereceu como sendo seu dedo, já na ilustração da figura 9, percebemos que ele faz uma expressão mais astuta, enquanto a personagem Maria que observa a cena, segue apreensiva.

A gaiola na qual o personagem João se encontra, tem grades muito espaçadas que facilmente permitiria uma fuga, sem nenhum cadeado ou corrente. Além disso, no espaço no qual os personagens se encontram não há nenhuma caracterização do ambiente de uma casa de bruxa, e nem a própria bruxa possui características marcantes dessa personagem. É um ambiente claro, limpo e que não traz aspectos sombrios. Há uma forte amenização do conto também na ilustração.

É perceptível a amenização dos temas da violência e do medo que todas as ilustrações do programa *Conta pra Mim* trouxeram em relação às ilustrações que Tatar (2004) apresenta de diversas épocas sobre o conto *João e Maria*. Por fim, a referência do “O bom deus vai nos proteger”, que é apresentada no conto, juntamente com outras referências religiosas, foi acrescentada na segunda edição pelos irmãos Grimm.

A religiosidade está presente nos contos dos irmãos Grimm, uma vez que os relatos orais expressam a cultura e a religiosidade dos integrantes da comunidade na qual foram recolhidas as histórias, porém, nas ilustrações em análise não consegui encontrar nenhum elemento que remetesse à religiosidade.

3.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CANAL Fafá conta histórias

Como já mencionado nos apontamentos teórico metodológicos, Flávia Ribeiro Scherner é atriz e contadora de histórias no canal do *Youtube*, Fafá conta histórias. A contação de história do conto *João e Maria* tem por volta de oito minutos de duração, e foi publicado em 14 de janeiro de 2017. O vídeo está disponível em <https://youtu.be/XvDSwsgJahA?feature=shared>. Ela utiliza da mesma versão do conto e da coletânea **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815)**, da editora Cosacnaify.

O espaço no qual ela realiza contação de histórias é um espaço bem agradável e neutro, sendo bem versátil para construção de um cenário imaginário, muito importante para a contação de histórias. Seus objetos para criação de personagens são muito simples mas que se transformam na hora da contação. Geralmente são cilindros de pano, travesseiros, almofadinhas em forma de coxinha e triângulos, todos com velcro, o que permite que ela construa os personagens da maneira que ela preferir.

Antes da contação de *João e Maria*, o vídeo inicia com o bordão: “Olá eu sou a Fafá, e uma história eu vou contar”. Ela chama os espectadores para ativar sua “antena captadora de histórias” de uma forma lúdica e divertida, pedindo para repetirem com ela a frase: “antena que pro céu aponta, capte uma história que a Fafá conta!”. A contadora de histórias interage com os espectadores, falando, por exemplo, que eles precisam falar mais forte para a antena dela funcionar. Ela utiliza ainda de efeitos sonoros para indicar que a sua “antena” captou uma história.

Ela apresenta o livro e os autores e deixa um *link* na descrição do vídeo para quem quiser comprá-lo. Ela utiliza de bastante expressão facial e tons de voz distintos para contar a trama. Na contação de *João e Maria*, ela se mantém fiel a todo o conto escrito. Ela utiliza também efeitos sonoros para marcar momentos de tensão e suspense.

As expressões faciais assim como os objetos que ela utiliza para caracterização dos personagens permitem que o espectador se aproprie da história em sua imaginação, assim como as ilustrações em um livro. Fafá interpreta muito bem os personagens e traz vida ao conto, instigando o espectador a participar da história.

4 ANÁLISE DO CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO

Assim como feito no capítulo sobre o conto *João e Maria* dos Irmãos Grimm, apresento a minha leitura do conto original dos Irmãos Grimm, para contribuir com comparação entre a versão original e a adaptação do mesmo conto pelo programa *Conta pra mim*. Convém destacar que o conto *Chapeuzinho Vermelho* não surgiu dos Irmãos Grimm, mas sim de Perrault. O conto a partir dos irmãos Grimm é uma paráfrase do conto original de Perrault. Segundo Discini (2002, p.204-205):

Grimm apesar de não parecer, constrói um significado pela captação máxima de Perrault, confirmando o texto-base desde as instâncias mais profundas e abstratas, ratificando-lhe os valores e atrelando-se ideologicamente às mesmas formações discursivas da protohistória.

No conto de *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm, eles detalham muito bem todas as características do ambiente, do lobo, da personagem Chapeuzinho Vermelho, da floresta, e dos outros personagens, contextualizando a trama para o leitor desenvolver sua imaginação. As características da cesta que a mãe prepara para Chapeuzinho Vermelho levar para a avó, o momento no qual a personagem se encanta pelas flores que vai colhendo, até a percepção de que há algo errado com a porta estar aberta e com a aparência da avó.

Acho importante destacar que por mais que seja algo comum, no contexto histórico da narrativa, a presença de lobos na floresta, a mãe de Chapeuzinho não menciona este perigo da floresta, apenas pede para que ela se mantenha no caminho para não cair e quebrar a garrafa de vinho da cesta. É a partir da trama que Chapeuzinho descobre os perigos da floresta e entende que não deve falar com estranhos. A partir disso, valores sociais são construídos pelo leitor, através das experiências da personagem Chapeuzinho Vermelho.

Em relação ao tema da violência, percebemos que a morte e o “matar”, é algo bem comum nos contos dos Irmãos Grimm. Chapeuzinho não ficou impactada com a morte do lobo nem através das pedras pesadas que foram colocadas em sua barriga e nem através do afogamento que ela e sua avó provocaram para se livrarem do lobo que queria devorar novamente Chapeuzinho. Parece algo natural na história, mas que me chocou um pouco como leitora. É mencionado também que o caçador corta a barriga do lobo e, depois que o lobo morre, ele retira a pele. É de certa forma forte essas expressões para crianças e isso retrata também como os filtros para as crianças naquela época eram mais brandos.

Este conto apresenta, bem explicitamente, uma moral para os leitores: os perigos de se conversar com desconhecidos. Porém, de uma forma sutil, com um bom enredo e contextualização, cria valores de afeto e atenção aos idosos, já que a personagem Chapeuzinho Vermelho vai visitar sua avó doente e possui um grande laço afetivo com ela de acordo com a minha leitura.

Diferentemente do conto *João e Maria*, neste conto não há nenhum tipo de religiosidade. Chapeuzinho apenas fala em um momento: “Ai, meu Deus, porque estou com essa sensação estranha de medo?”, mas mais como uma expressão de susto. Ela não recorre a nenhum ser superior nos momentos nos quais ela se sente aflita.

4.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS REINTERPRETAÇÕES DO CONTO

Chapeuzinho Vermelho é um conto também mundialmente conhecido e que ficou muito famoso a partir da versão escrita pelo autor Charles Perrault, na França, no ano de 1697. A autora Discini (2002) parte da versão de Perrault para comparação com a versão dos Irmãos Grimm e outras adaptações do conto de autoria de Chico Buarque e Guimarães Rosa, que são grandes escritores brasileiros.

Primeiramente, um fato importante a ser analisado e que a autora traz em seu livro, é a diferenciação entre conto de fadas e conto maravilhoso e em qual Chapeuzinho Vermelho é classificado. Segundo a autora, o conto de fadas pode ocorrer com ou sem fadas, se desenvolve na magia feérica, partindo de uma problemática existencial e com uma ligação entre um homem e uma mulher. Já o conto maravilhoso se desenvolve sem fadas, em um cotidiano mágico e parte de uma problemática social, que enfatiza a ética, o material e o sensorial do ser humano (Discini 2002).

Discini (2002, p. 118) classifica o conto em análise como um discurso maravilhoso, quando afirma que:

A nós, basta classificar “Chapeuzinho Vermelho” como um discurso maravilhoso, que se opõe ao discurso do senso comum, pela ancoragem figurativo-temática no mundo dos possíveis, em que o “absurdo”, visto pela consciência lógica, é substituído pelo “real”, visto pela consciência mitológica, que está na gênese do maravilhoso.

Em Discini (2002) foi possível observar também alguns fatos históricos interessantes. Quando o conto foi escrito, os lobos eram um perigo real para a população que vivia ao longo de florestas. Muitas pessoas foram mortas por esses

animais, e sua proliferação se deu naquele período, devido à caça dos lobos ter se tornado uma modalidade apenas para os nobres. Como pudemos observar, assim como no último conto analisado, *João e Maria*, os contos dos Irmãos Grimm, trazem um contexto da realidade que as pessoas viviam naquela época. Mas por que será que as pessoas ainda se identificam tanto com essas histórias?

Os motivos das preocupações mudaram, mas a violência em nossa sociedade não. A fome e o abandono das crianças em *João e Maria*, ainda ocorre atualmente, porém estas não são mais abandonadas em florestas. Na questão do conto de *Chapeuzinho Vermelho*, nós não andamos mais em florestas com medo de sermos mortos por lobos, mas em nosso contexto atual, uma criança andar sozinha em meio a grandes centros urbanos ou até mesmo em estradas de terra afastadas no interior, são um perigo constante de violências como sequestro, estupro entre outros. Desta forma, podemos pensar que o lobo pode ser utilizado metaforicamente para tratar de assuntos outros como a violência.

Portanto, as orientações que a mãe de Chapeuzinho dá a ela antes de sair de casa são até hoje ensinadas às crianças e, por isso, acredito que haja a grande identificação com o conto. Infelizmente, as adaptações foram evoluindo e amenizando muitas partes do conto, que acabam deixando a história apática e retirando o seu sentido máximo, como já pudemos ver na análise de *João e Maria*.

Segundo Discini (2002, p. 211), a versão dos irmãos Grimm de *Chapeuzinho Vermelho* é uma paráfrase do conto de Perrault, “confirmando o texto-base desde as instâncias mais profundas e abstratas, ratificando-lhe os valores e atrelando-se ideologicamente as mesmas formações discursivas da própria história” (Discini, 2002, p.205). Eles incorporam mais detalhes à história e atenuam um pouco o conto de Perrault.

O nosso objetivo, entretanto, é mostrar, por meio desse fato, a redundância discursiva que Grimm constitui em relação a Perrault. Aquele diz a mesma coisa que este, inchando mais o seu discurso, ou, para sermos mais gentis, fazendo sonhar mais. O susto, ou o saldo do medo, permanece e o que poderia reforça-lo parece que o atenua. Na verdade, nem uma coisa nem outra acontece. Grimm capta Perrault totalmente e o esbanjamento figurativo costuma-se como ornamento.

A temática do medo, como citado anteriormente, foi algo que se manteve na versão dos Irmãos Grimm, e por esse fato, os contos são conhecidos até hoje. Ao iniciar este trabalho, minha preocupação era com o medo excessivo e as

consequências que trariam ao jovem leitor, porém, a partir da pesquisa, vi que a presença da temática do medo no conto é o suspense, a emoção que o conto carrega, e quando esse tema é retirado, o conto se torna somente mais um que não traz uma reflexão e crescimento ao leitor, pelo contrário, o cria para uma realidade inalcançável de vida.

Como veremos ainda neste trabalho sobre a adaptação do conto *Chapeuzinho Vermelho* do programa *Conta pra Mim*, as adaptações foram retirando o sentido máximo, e desta maneira Discini (2002, p.117) aponta que::

O observador social sofre o efeito dessa moralização, de acordo com as variações das culturas e das épocas. Assim, o poder do medo encontra um enunciatário maximamente sensibilizado no século de Perrault, o que não acontece em nosso século, com uma moralização às avessas, e com um discurso que faz, como será demonstrado, uma releitura lúdica, crítica e poética do medo.

A percepção das temáticas do medo e da violência nos contos foram mudando ao longo das décadas e das sociedades, construindo a percepção que temos hoje sobre esses temas nos contos, que muitas vezes não é aceito, e por isso, há as adaptações que amenizam a presença dessas temáticas nas adaptações dos contos.

Por fim, uma última curiosidade histórica, é em relação ao chapéu vermelho que deu nome ao personagem:

CHAPERON (de chape): enfeite da Idade Média, usado por ambos os sexos que era, na origem, um capuz que cobria a cabeça e pescoço até os ombros, deixando a face descoberta. O *chaperon* das mulheres tinha uma longa cauda pendente e era por esse detalhe que se reconheciam as damas de classe, até os meados do século XVII. É por isso que se chamava *chaperon* uma mulher respeitável, encarregada de acompanhar uma jovem menina. (Larousse, s/d., p. 691).

Essa definição do chapéu vermelho me remeteu a uma memória afetiva minha de criança. Como já havia comentado, grande parte do meu interesse por fazer esta pesquisa se deu a partir do incentivo à leitura que tive de meu avô e meu pai das histórias dos Irmãos Grimm quando criança. Chegando neste ponto da pesquisa, me lembro que minha avó fez de lã uma touca, que pegava a cabeça e o pescoço, como um *Chaperon*. O meu era vermelho e o da minha irmã era azul. Lembro que brincávamos que éramos chapeuzinho vermelho.

Vejo como a história e as ilustrações fazem com que os contos fiquem tão marcados em nossas lembranças e, como fazia na época, houvesse uma real imersão na história, fazendo com que nós quiséssemos nos caracterizar como Chapeuzinho.

4.2 ADAPTAÇÃO DO PROGRAMA *CONTA PRA MIM*

Comparando a adaptação do programa *Conta pra Mim* com o conto original dos Irmãos Grimm, podemos perceber que não difere tanto do original quanto no conto *João e Maria*, no qual se alteraram muitos aspectos do conto, até mesmo do papel dos personagens dos pais. O conto em tamanho também é menor nesta versão do que no conto original, sendo mais um resumo, retirando vários detalhes que permitiriam uma maior contextualização e inserção do leitor na história.

O conto original se inicia falando sobre as características da personagem Chapeuzinho Vermelho, da menina amável que ela era, da sua relação com a avó e do porquê de a chamarem de Chapeuzinho Vermelho. A adaptação do programa pula toda esta introdução e contextualização, partindo diretamente para as orientações da mãe. Chapeuzinho é alertada para não conversar com estranhos e não apenas orientada a não desviar do caminho para que ela não caia e quebre a garrafa de vinho como no conto original.

Na adaptação há um diálogo curto com a personagem de Chapeuzinho. Se subentende que o lobo já sabia onde era a casa da personagem da vovó, e se mantém a distração de Chapeuzinho com as flores, porém diverge da versão do original quando o lobo avisa que o caminho das flores é mais curto, a enganando. A personagem de Chapeuzinho, na outra versão, é influenciada pelo lobo a se divertir pela floresta, observando as flores e o canto dos pássaros para que ela adentrasse cada vez mais a floresta e demorasse a chegar na casa da avó.

Nas duas versões, o lobo consegue adentrar a casa da avó facilmente imitando a voz de chapeuzinho, na primeira apenas virando a maçaneta e, na segunda, pegando a chave embaixo do tapete da porta. Se mantém também as perguntas clássicas que chapeuzinho faz a ao lobo vestida de avó e a toda a trama posterior do caçador encontrando o lobo e abrindo sua barriga para tirar chapeuzinho e sua avó, porém, com muito menos detalhes que são importantes para a construção do imaginário. A morte do lobo se difere levemente. Nas duas versões são colocadas pedras em sua barriga, porém, no conto original, o lobo tenta

andar e acaba morrendo devido ao peso das pedras em sua barriga e, na adaptação, o lobo ao acordar “saiu tropeçando e caiu no rio, para nunca mais voltar”.

A versão original ainda conta com uma segunda parte da história, na qual novamente há um lobo à espreita para devorar Chapeuzinho, mas com a vivência e experiência adquiridas, a personagem Chapeuzinho Vermelho não se deixa mais enganar pelo lobo e consegue se livrar facilmente dele com a ajuda de sua avó. Esta parte não compõe a adaptação.

Em relação ao tema da violência, se utiliza na adaptação a palavra “devorou”, bem como na versão original, porém muitas partes são amenizadas. Enquanto na versão dos Irmãos Grimm se utiliza expressões como “cortou a barriga”, “caindo morto”, “tirar a pele”, na adaptação em análise, essas expressões são substituídas por “abriu a barriga”, “caiu no rio, para nunca mais voltar”, entre outras. Isso mostra uma grande amenização da adaptação.

Soares (2022), analisa esta adaptação através de três dimensões qualificadoras, sendo estas: a materialidade, a literariedade e a relação texto-leitor. Em relação à materialidade, “notamos que os aspectos ligados à constituição do objeto-livro são empobrecidos, revelando uma versão simplificada do conto de fadas” (Soares, 2022, p.50) isso pois é pensado como um livro digital, no qual não há a textura, o cheiro, uma ilustração mais trabalhada que favorece o lúdico para a criança.

Em relação à literariedade, Soares(2022), também aponta sobre o conteúdo do conto ser muito resumido, quando afirma que “A qualidade do texto escrito se demonstra baixa, resumindo-se muitas vezes em ações que os personagens estão realizando e pouco contribuindo para o entendimento da história como um todo” (Soares, 2022, p.51). Ou seja, a rapidez com a qual é recontada a história, caracterizando pouco a história e a falta de contexto, permitem uma pouca participação do leitor.

Para Soares (2022, p. 39), os elementos trazidos tanto no conto de Perrault como no dos Irmãos Grimm, são de extrema importância para construção de valores do ser humano como ser em formação, quando afirma que:

Como vimos nessa breve caracterização sobre o conto de fadas da Chapeuzinho Vermelho, com foco nas versões de Perrault e dos Irmãos Grimm, destacamos que a leitura deles nos provocam pensar os elementos da condição humana e por meio das histórias perceber a capacidade do ser humano de construir valores a partir das suas vivências e experiências reiterando o papel humanizador da literatura ao tecer as experiências de vida.

Neste sentido, a literatura infantil, permite que a criança se insira dentro da história e crie uma experiência, que a faz refletir e construir valores que poderá levar para sua vida inteira.

4.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

Como vimos anteriormente no capítulo sobre o conto *João e Maria*, para mim a força estética que os livros trazem a partir das ilustrações dos contos é de extrema importância para construção de uma literatura significativa para o leitor. Portanto, seguirei analisando as ilustração que Tatar (2004) traz em seu livro sobre o conto *Chapeuzinho Vermelho* e comparando com a adaptação do programa *Conta pra mim*. A versão utilizada por Tatar (2004), para fazer análise das ilustrações é a dos Irmãos Grimm "*Rotkäppchen*", em, *Kinder und Hausmärchen*, 7° edição, Berlim: Dietrich, 1857.

Figura 10: Ilustração Walter Crane, conto Chapeuzinho Vermelho, 1875



WALTER CRANE, 1875

Chapeuzinho se despede de sua mãe. A elegância formal das ilustrações de Crane se contrapõe à violência implícita do conto de Chapeuzinho

Fonte: Tatar (2004, p.30).

No conto de Chapeuzinho Vermelho, a primeira ilustração que se destaca no livro de Tatar (2004), é a ilustração da figura 10, de autoria de Walter Crane, de 1875. Walter Crane é considerado “O pai do livro ilustrado para crianças” (Tatar, 2004, p.360), foi ilustrador de quase cinquenta livros infantis:

As fortes linhas negras, cores vivas, superfícies decorativas planas e figuras inspiradas na pintura grega de vasos, que lhe eram características, resultavam em desenhos que elevaram significativamente os padrões para livros infantis. Sua obra, que legitimou a incursão de artistas sérios em obras para as crianças, foi um verdadeiro marco na qualidade estética dos livros infantis.

Em relação à ilustração em análise, ela comenta que “Chapeuzinho se despede de sua mãe. A elegância formal das ilustrações de Crane se contrapõe à violência perturbadora da aventura de Chapeuzinho Vermelho na casa da avó”. Em minha análise, além da elegância formal, percebemos, na personagem Chapeuzinho Vermelho, um rosto angelical de uma pessoa submissa à mãe.

As roupas também são parte importante da cultura representada na ilustração, que apresenta o que se usava na época. Em minhas memórias de infância, muitas das imagens traziam essa típica roupa que se utilizava muito nos livros alemães, a famosa “Schürze”, que era este avental. Embora devido ao enredo se dar principalmente na floresta, é interessante como a ilustração retrata o lugar mais urbano no qual Chapeuzinho mora com sua mãe. Há um cercado, as casas são feitas de tijolos.

Figura 11: Ilustração Vanessa Alexandre, conto Chapeuzinho Vermelho, 2020.



Fonte: Brasil, Chapeuzinho Vermelho, 2020, p.03

Compararemos a ilustração da figura 10, de Walter Crane, com a ilustração da figura 11, de Vanessa Alexandre, que representam o mesmo momento do conto, da mãe da personagem Chapeuzinho, pedindo para que ela leve uma cesta para sua avó, que estava doente. Enquanto a ilustração da figura 10 representa a casa de Chapeuzinho em um meio mais urbano, a ilustração da figura 11, já retrata este

ambiente mais próximo da floresta, uma casa que parece feita de madeira, porém com uma janela feita com pedras, o que nos faz refletir se seria mesmo uma casa de madeira, ou se a autora quis apenas aproximar os materiais com o objetivo de trazer elementos mais rústicos para construção da ilustração.

O caminho no qual a personagem Chapeuzinho irá seguir para chegar à casa de sua avó, é retratado a partir da grande janela de pedra atrás dela e de sua mãe. O caminho segue com bastante verde, flores, poucas árvores, um pássaro. Mesmo representando um espaço mais urbano, a ilustração da figura 10 de Walter Crane, possui mais árvores do que a ilustração da figura 11 de Vanessa Alexandre, que tenta representar uma casa mais afastada próxima de uma floresta.

É possível perceber também que as expressões das personagens mudam de uma ilustração para outra. Na ilustração da figura 10, as duas olham para baixo e a personagem da mãe de Chapeuzinho faz um sinal de indicação, representando uma informação mais precisa, que estaria indicando orientações, e a personagem Chapeuzinho Vermelho estaria submissa a essas orientações. Já na ilustração da figura 11, a conversa entre as duas personagens parece amenizada, sem uma orientação precisa, algo que não remetesse a nenhum perigo. Nas duas ilustrações (figuras 10 e 11) não é possível ver o conteúdo dentro da cesta da personagem chapeuzinho, embora o conteúdo mude nas duas versões, sendo na versão do programa *Conta pra Mim*, bolos e doces, e na versão dos Irmãos Grimm, vinho e uma fatia de bolo.

Figura 12: Ilustração de Jessie Willcox Smith , conto Chapeuzinho Vermelho, 1919.

JESSIE WILLCOX SMITH, 1919

A língua do lobo se funde com a capa de Chapeuzinho Vermelho. Caminhando com passo firme (como o lobo), olha com certa apreensão para os dentes afiados, um tanto próximos demais.



Fonte: Tatar (2004, p.31)

A ilustração da figura 12, de Jessie Willcox Smith, de 1919, se destaca no livro de Tatar (2004), em relação ao conto de *Chapeuzinho Vermelho* pela sua perspectiva do lobo e da personagem. Para ela Tatar (2004), “A língua do lobo se funde com a capa de Chapeuzinho Vermelho. Caminhando com passo firme (com o lobo), olha com certa apreensão para os dentes afiados, um tanto próximos demais”. Tanto nesta ilustração como nas outras trazidas por Tatar em seu livro, o lobo é bem realístico e sempre maior que a menina, trazendo esta ideia da temática de medo e de que a qualquer momento o lobo poderia devorá-la. O ambiente mais escuro, atrás dos protagonistas, traz novamente o ar sombrio e o suspense do que poderia vir a acontecer.

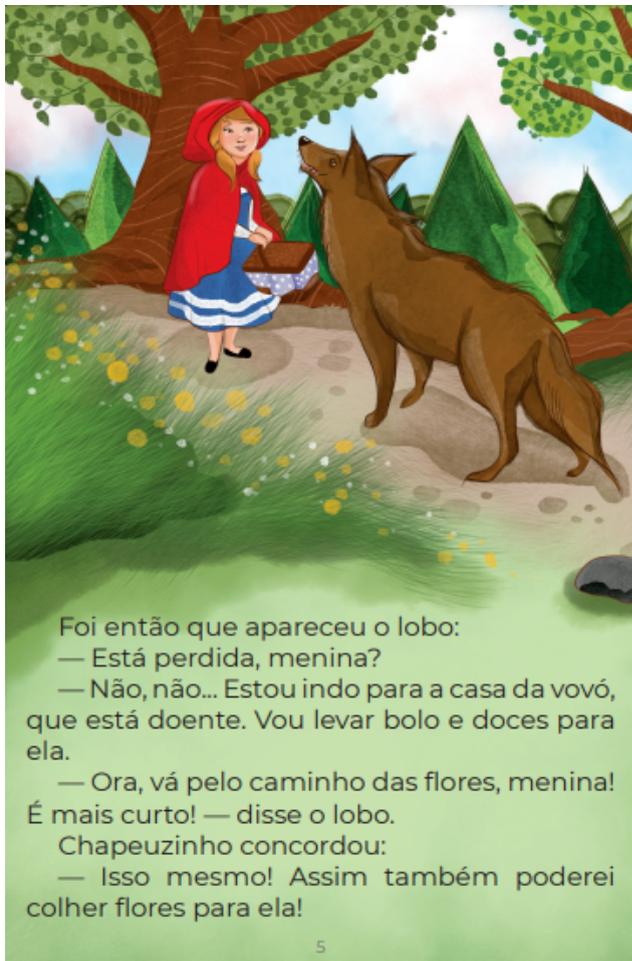
O lobo é retratado nesta ilustração como um lobo de verdade, com pelos, dentes e patas muito realísticas a um animal. É uma outra perspectiva de ilustração. Nesse sentido, cria-se a fantasia de que os animais falam, pois ele conversa na história com a personagem Chapeuzinho Vermelho. O lobo toma então as proporções do sentimento que Chapeuzinho carregava e que o leitor pode sentir ao ler. O lobo em proporções normais é maior que uma criança, porém na ilustração da

figura 12 de Jessie Willcox Smith, suas proporções parecem maiores e a perspectiva de rondar a menina, traz a atmosfera do perigo e do medo. Nesse sentido, Hunt (2010, p. 236) argumenta que:

É evidente, como vimos, que, mesmo em um estágio bastante avançado de socialização, as crianças percebem as coisas de modo diferente dos adultos; no entanto, paradoxalmente, pode ser que com o livro ilustrado adultos e crianças estejam em seu ponto de maior proximidade. Nicholas Tucker cita Maurice Sendak, autor-ilustrador de alguns dos mais bem-sucedidos e influentes livros-ilustrados modernos, que, após ser acusado de realizar trabalho grotesco por desenhar crianças com cabeças grandes, disse: “Eu conheço as proporções do corpo de uma criança. Mas estou tentando desenhar o modo como as crianças *se sentem* – ou melhor, o modo como imagino que elas se sintam.

Outra característica interessante analisada a partir de todas as ilustrações analisadas, é que em todas elas, a personagem Chapeuzinho Vermelho parece ter sempre a mesma idade, diferentemente do conto *João e Maria*, no qual os personagens eram retratados algumas vezes menores, outras maiores. Sua vestimenta não muda muito e a característica angelical permanece, como é caracterizada no conto.

Figura 13: Ilustração Vanessa Alexandre, conto Chapeuzinho Vermelho, 2020.



Fonte: Brasil, Chapeuzinho Vermelho, 2020, p.05

Podemos comparar a ilustração da figura 13, de Vanessa Alexandre, com a ilustração da figura 12, de Jessie Willcox Smith em relação ao ambiente. A ilustração da figura 12 é bem sombria, escura, com um lobo em proporções maiores que a personagem principal e com um semblante de ataque, além da personagem Chapeuzinho Vermelho de forma perceptível estar com medo. Já na ilustração da figura 13, todas essas características são amenizadas. A floresta é clara, algumas árvores no bosque são pontiagudas mas não remetem ao perigo. O lobo é maior que a personagem principal, porém está em uma outra perspectiva.

Enquanto na ilustração da figura 12, o lobo ronda a personagem principal, ameaçando a vida dela, na ilustração da figura 13, ele aparece de frente para ela,

com um semblante amigável, sem uma expressão astuta que remete ao que ele planeja fazer.

Na ilustração da figura 12, é perceptível a característica do tamanho da arcada dentária do lobo e de suas patas, que tomam destaque na ilustração trazendo sentimentos como o medo e a apreensão. Já na ilustração da figura 13 essas características do lobo são amenizadas e o semblante da personagem Chapeuzinho Vermelho é de tranquilidade, sem nenhuma apreensão, se adequando semântica e semioticamente com o conto do Programa Conta Pra Mim, já que Chapeuzinho é enganada pelo lobo, mas que talvez não se adequaria tanto com o conto na versão dos Irmãos Grimm.

As três próximas ilustrações (figuras 14, 15 e 16) ilustram o momento do conto quando Chapeuzinho Vermelho entra na casa da avó e encontra o lobo disfarçado no lugar dela.

Figura 14: Ilustração Rosa Petherick, conto Chapeuzinho Vermelho.



ROSA PETHERICK

A menina ingênua parece desconcertada diante da criatura na cama da avó, mas de maneira alguma aterrorizada. Note que uma das flores caiu no chão enquanto ela observa a face peluda sob a touca de dormir.

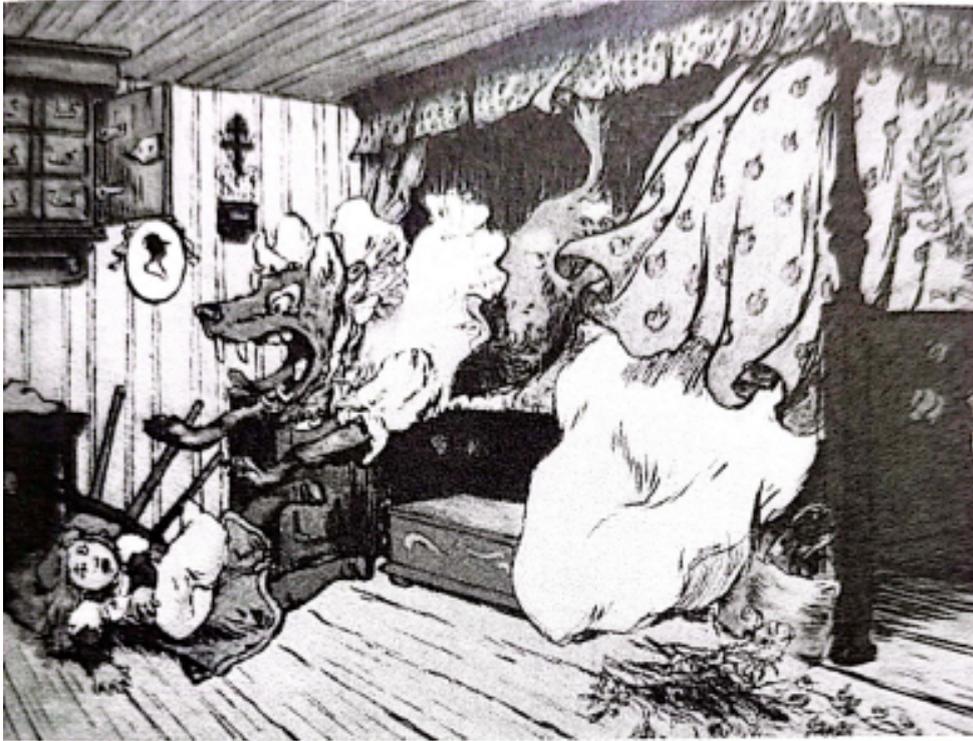
Fonte: Tatar (2004, p.34).

A ilustração da figura 14 não possui data, foi ilustrada por Rosa Petherick e também foi retirada do livro de Tatar (2004), sobre o conto *Chapeuzinho Vermelho*.

Ela retrata o momento em que a personagem Chapeuzinho conversa com o lobo achando ainda que ele é sua avó, mas desconfiando dele. Segundo a interpretação de Tatar (2004): “A menina ingênua parece desconcertada diante da criatura na cama da avó, mas de maneira alguma aterrorizada. Note que uma das flores caiu no chão enquanto ela observa a face peluda sob a touca de dormir”. O dedo levado a boca, nos traz a ideia da dúvida de Chapeuzinho, do “Será que é a minha avó?”. A flor caída, mencionada por Tatar (2004) na legenda da ilustração, traz a atmosfera do que se passa na literatura.

E neste sentido podemos retomar a crítica de Hunt (2010), mencionada no capítulo de análise de *João e Maria*, no qual podemos perceber que a ilustração da figura 14 vai se diferenciar muito das ilustrações das figuras 11, 13 e 16 do programa *Conta pra Mim*, uma vez que acompanha a literatura, trazendo detalhes sutis que representam o que está sendo contado na literatura. Detalhes que reforçam a intenção e a atmosfera que o autor quer trazer ao conto. Diferentemente das ilustrações do programa *Conta pra mim* que apresentam de forma literal na ilustração o que está escrito.

Figura 15: Ilustração Arpad Schmidhammer, conto Chapeuzinho Vermelho.



ARPAD SCHMIDHAMMER

Flores e cestas espalham-se pelo chão quando o lobo feroz ataca Chapeuzinho Vermelho. Esta cena ilustrou um livro alemão de contos de fadas para crianças.

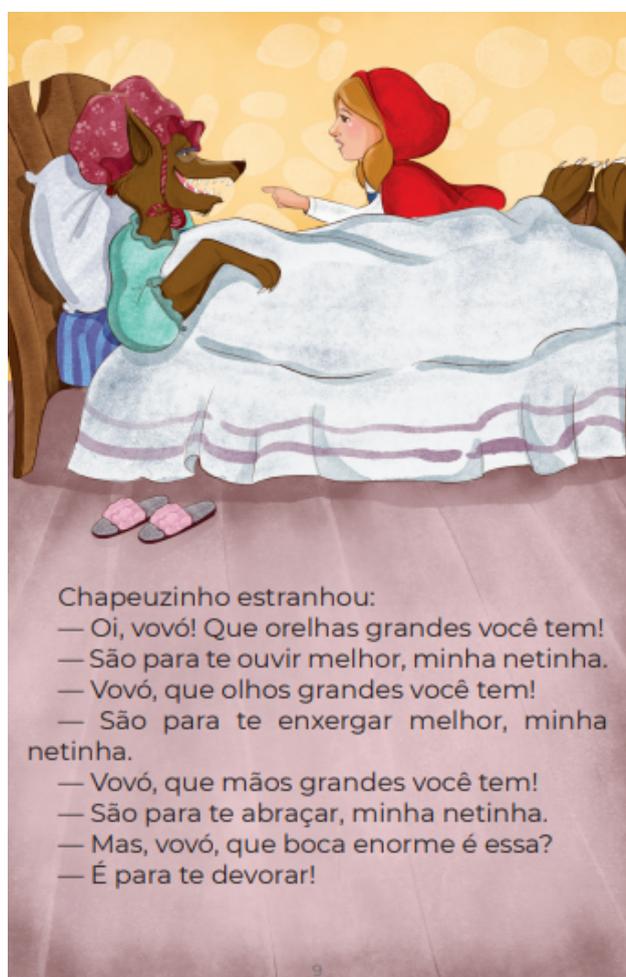
Fonte: Tatar (2004, p.35).

Selecionei a ilustração da figura 15, de Arpad Schmidhammer, do livro de Tatar (2004), devido a ser uma representação da continuação da cena da ilustração da figura 14, de Rosa Petherick e que também vai ser importante para comparação com ilustração da figura 16, do programa Conta pra Mim. Na ilustração da figura 15, podemos perceber várias semelhanças com a ilustração da figura 14, embora sejam de autores distintos. Nas duas ilustrações há a flor caída no chão, na ilustração da figura 14 devido ao nervosismo de a personagem chapeuzinho estar desconfiada do

lobo, e na 15 devido ao ataque do lobo. A cama se assemelha muito em relação à forma e às cortinas, além da vestimenta do lobo que este roubou da avó da personagem Chapeuzinho.

O lobo também é retratado com uma grande arcada dentária e grandes patas. O semblante da personagem principal é de medo e pânico ao ver o lobo pulando por cima dela. É perceptível que a personagem Chapeuzinho Vermelho paralisa. No programa *Conta pra mim*, esta cena não foi retratada, pulando da ilustração da conversa com o lobo, para a ilustração dele dormindo com a barriga enorme, dando a entender que havia engolido a personagem Chapeuzinho. Com isso, é possível observar novamente uma amenização dos momentos mais trágicos do conto.

Figura 16: Ilustração Vanessa Alexandre, conto Chapeuzinho Vermelho, 2020



Fonte: Brasil, Chapeuzinho Vermelho, 2020, p.09

A ilustração da figura 16, de Vanessa Alexandre, é a ilustração mencionada anteriormente, na qual, a personagem Chapeuzinho conversa com o lobo desconfiada se seria sua avó. Esta ilustração também foi retirada do programa *Conta pra Mim*, do conto *Chapeuzinho Vermelho*. Percebemos que a personagem Chapeuzinho na ilustração da figura 16, é retratada como uma criança maior no programa *Conta pra Mim*, e não tão angelical como naquelas dos diversos ilustradores trazidas por Tatar (2004).

Comparando com a ilustração da figura 14, que representa a mesma cena da conversa do lobo com a personagem Chapeuzinho na casa de sua avó, percebemos que a ilustração traz um lobo mais simpático, menos amedrontador, embora esteja se passando pela avó de Chapeuzinho. Ele é um lobo menos realístico do que os retratados nas ilustrações das figuras 12, 14 e 15. Na perspectiva que aparece o lobo, percebemos que ele até possui dentes e unhas afiadas, mas que na atmosfera da ilustração não nos passa a sensação de perigo, principalmente por sua expressão amigável. Percebemos, assim, ao longo dessas comparações que as ilustrações se alteram à medida que mudam-se as intenções do conto.

A interação entre texto-leitor, que é uma dimensão qualificadora, “é entendida como essa relação estabelecida entre texto e leitor, devendo ao mesmo tempo dialogar com a cultura dos leitores e estabelecer relações para sua ampliação de horizontes, referências estéticas e culturais e por sua vez propiciando uma experiência significativa de leitura” (Soares, 2022, p.52). Em minha análise, por ser uma ilustração simplista e um texto muito rápido, no qual o tema da violência e do medo foram extremamente amenizados, se distanciando muito das obras originais, acredito que esta relação texto-leitor é prejudicada. Os leitores, acabam não conseguindo se envolver com o conto da maneira que deveria ser, refletindo e desenvolvendo valores pessoais.

4.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CANAL Fafá conta histórias

No canal do YouTube, Fafá conta histórias, da atriz Flávia Ribeiro Scherner, também foi encontrada a contação de história do conto *Chapeuzinho Vermelho*. O vídeo foi publicado no canal no dia 7 de janeiro de 2017 e a versão que ela utiliza também é a mesma que utilizei, da editora Cosac Naify. A duração do vídeo é por volta de sete minutos.

Ela também inicia este vídeo com o seu bordão “Olá eu sou a Fafá, e uma história eu vou contar” e chama os espectadores para ativar sua “antena captadora de histórias” também de uma forma lúdica e divertida, pedindo para repetirem com ela a frase: “antena que pro céu aponta, capte uma história que a Fafá conta histórias”. A atriz é muito lúdica em suas produções, ela afirma que não funcionou e que precisariam falar novamente bem forte, repetindo os gestos, pois sua antena não conseguiu captar uma história. Ela utilizou de efeitos sonoros para indicar que a sua “antena” não funcionou, para indicar que funcionou e para momentos de tensão durante a história.

O cenário permanece o mesmo do conto *João e Maria*, talvez pela data de publicação ser próxima. É um cenário básico com paredes claras, com fundo em nuvens, que favorece um cenário para qualquer contação. Ela também utiliza almofadinhas com velcro para a construção dos personagens. Como a principal característica deste conto é o chapéu vermelho, ela utiliza de uma almofadinha em formato de triângulo, vermelha, para interpretar a personagem Chapeuzinho Vermelho. A avó foi caracterizada como uma almofada em formato de nuvem, cinza, representando seu cabelo.

Embora no conto *João e Maria*, a atriz tenha sido bem fiel ao conto do livro, no conto *Chapeuzinho Vermelho*, ela colocou mais características do que as presentes no livro, mas é possível perceber que a base foi o conto dos Irmãos Grimm. Uma parte que distingue bastante a contação do conto original, é em relação ao momento que o lobo aborda Chapeuzinho: ele a distrai, falando para ela olhar as flores, os pássaros para que ela adentrasse cada vez mais na floresta e demorasse para chegar à casa da avó. Neste momento, Fafá incrementa a história e o lobo faz uma brincadeira com ela, na qual ele a desafia a cada um ir por um caminho para ver quem chegaria mais rápido a casa da avó, escolhendo claro o caminho mais curto.

Na versão que ela conta, o Lobo recebe um tiro do caçador, que entrou na casa ao ouvir os gritos de chapeuzinho vermelho. O lobo não chegou a engoli-la, e após matar o lobo, o caçador abriu a barriga do lobo e retirou a avó de chapeuzinho. Não há referência às pedras que são colocadas em sua barriga que observamos nas duas versões. Além disso, ela não conta a segunda parte do conto original, no qual novamente um lobo tenta devorar chapeuzinho, mas que, após suas

experiências, aprendeu a se proteger dele.

Em relação ao tema da violência, talvez Fafá tenha alterado algumas partes consideradas por algumas pessoas como violentas para que fossem amenizadas e se encaixassem melhor com o objetivo que ela pretendia. Retomo que não somos neutros, as histórias carregam valores e a contação é a interpretação daquilo que está escrito no livro. Portanto, podemos considerar que a contação deste conto pela Fafá conta histórias, foi uma releitura do conto escrito pelos Irmãos Grimm, pois houve partes que foram alteradas e recriadas.

5 ANÁLISE DO CONTO RAPUNZEL

Assim como feito nos últimos dois capítulos sobre o conto *João e Maria e Chapeuzinho Vermelho*, trago a minha leitura do conto *Rapunzel*, a partir do conto original dos Irmãos Grimm, para que seja possível fazer uma comparação e analisar a adaptação desse conto no programa *Conta pra mim*.

A primeira característica marcante que é possível perceber na versão original é a diferença na história como um todo. Este conto talvez seja um dos que mais se alteraram através das adaptações ao longo dos anos, seja por ter um caráter mais adulto, seja para tornar o conto com um fim menos trágico. É perceptível que talvez o leitor fique impactado com a diferença, visto que a história que mais se popularizou na atualidade é uma versão mais amenizada de Rapunzel.

Este conto original dos Irmãos Grimm, assim, como os outros analisados neste trabalho, caracteriza muito bem o ambiente, a história, e os personagens, o que permite com que o leitor se aproprie da história e do contexto, no sentido de que faça uma leitura muito mais profunda e mais significativa.

O desejo na gravidez, bem explicitado no conto, e que gera todo o enredo, também é algo possível de se identificar na atualidade e que gera uma aproximação com o público, na qual há uma superstição popular, de que se a mãe da criança não ingerir o alimento que está com desejo, a criança nasce com “a cara” do alimento. No caso do conto, a mãe de Rapunzel estava com tanto desejo de comer os rapôncios, que sentia que morreria se não comesse.

No conto, percebemos que há a gravidez de Rapunzel, mas que ela não é explícita. Rapunzel apenas fala para fada que suas roupas estão apertadas, e então, a partir das atitudes da fada e das vistas do príncipe, fica subentendido de que ela estaria grávida, e ao fim, se revela que ela deu luz a gêmeos, mas não se fala diretamente que Rapunzel engravidou do príncipe em meio às suas visitas. Talvez por, de fato, fazer parte de uma coletânea de contos infantis e domésticos.

Interessante pensar também que a fada possui um nome no conto. Nos outros contos analisados, os pais de João e Maria, a mãe, a avó, o caçador de Chapeuzinho, nenhum deles possui um nome. A fada no conto de *Rapunzel* se chama Gothel, um nome característico germânico, mencionado uma única vez. Embora seja mencionado o nome da fada, os outros personagens assim como nos

outros contos, não possuem um nome próprio.

A violência neste conto é bem presente, primeiro pelo fato de manter uma criança e jovem trancada, livre de toda e qualquer socialização e contato com o mundo exterior. Segundo, pela agressão através de palmadas, que a fada faz ao descobrir a traição de Rapunzel, e do corte de seu cabelo sem o seu consentimento. A queda do príncipe da torre que o acaba deixando cego, além da vida miserável que a personagem Rapunzel passa a ter no deserto após ser abandonada grávida, também é uma marca do tema da violência na história, porém são questões que precisam ser discutidas na sociedade, e retirar essas cenas talvez possa prejudicar um debate mais profundo sobre a temática da violência e do medo e a criação de valores.

5.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS REINTERPRETAÇÕES DO CONTO

Rapunzel é um dos contos mais famosos dos Irmãos Grimm, conhecida também mundialmente e que possui uma grande polêmica envolvida, a gravidez de Rapunzel, sendo adaptada ao longo dos anos para o público infantil. Como os Irmãos Grimm sempre coletavam os contos que surgiam entre o povoado, a história de Rapunzel não era nem um pouco infantil. Segundo Feitosa e Saldanha (2022), na época na qual o conto foi escrito, não havia formado a concepção de infância que temos hoje. As crianças eram vistas como “mini adultos”. A versão que estamos analisando é a primeira, de 1812.

Neste sentido houve então “adequações textuais de ordem social, moral e religiosa, de modo a serem ajustadas ao público infantil” (Feitosa; Saldanha, 2022, p.145). Essas adaptações tinham como objetivo amenizar as histórias, o que não aconteceu em todos os contos dos Irmãos Grimm. Dentre a coletânea que utilizei para escolher os contos para este trabalho, muitos eram bem violentos. Acredito que os mais popularizados foram os que foram adaptados posteriormente pelos próprios irmãos Grimm, inclusive o da Rapunzel.

Segundo Tatar (2004), a primeira literatura em que o conto *Rapunzel* se baseia é o da lenda de Santa Bárbara, na qual, a personagem principal da lenda, Bárbara, também foi presa em uma torre pelo pai, porém, por outro motivo: ter

recusado propostas de casamento, outra questão social muito comum naquela época. Esta lenda é relatada no livro “*O livro da cidade das senhoras*”, de 1405, de Christine de Pisan. No caso dos Irmãos Grimm, eles relatam algo mais comum em sua época de 1812, que era a proteção de filhas pelos pais em relação a possíveis aventureiros, podendo classificar um como punição e outro como proteção. “Mas a história de *Rapunzel*, parece enraizada numa tendência cultural mais genérica a “prender as filhas” e protegê-las de aventureiros” (Tatar, 2004, p.109)

Neste sentido, Feitosa e Saldanha (2022, p.159) afirmam que:

Observamos, nesse aspecto, que analogamente a lenda de Bárbara de Nicomédia, em ambas as versões do conto, Rapunzel é trancada no alto da torre ainda com doze anos e colocada em um sistema altamente disciplinador, isolada de tudo. Tal medida transparece, pois, o próprio pensamento da época de forjar o amadurecimento e desenvolvimento de um “adulto em miniatura”, entendido como processo indispensável ao frágil, incapaz e desconhecedor do mundo e seus perigos.

Assim, o pensamento da época era manter esses “adultos em miniaturas”, longe de todo e qualquer perigo moral, pois não teriam a capacidade de discernir o certo do errado, ou as famigeradas tentações. Era desta maneira que se pensava a educação naquele período.

Ainda sobre os bons costumes, valores e a moral, a partir do conto, é possível perceber também que na época vigorava o ideal da mulher “se guardar para o casamento”. Isso transparece no momento da história em que Rapunzel se assusta com o príncipe, pois ela nunca havia visto um. Embora essa seja uma concepção de valores da época, ainda hoje encontramos esse ideal e um grande julgamento sobre as mulheres em relação à virgindade feminina. Todos os contos analisados neste trabalho trazem as questões sociais do ideário feminino, da boa conduta e nesse sentido, a autora que utilizei bastante neste trabalho, Maria Tatar, publicou um livro chamado *A heroína de 1001 faces: O Resgate do protagonismo Feminino na Narrativa Exclusivamente Masculina na Jornada do Herói*.

Nesse livro, Tatar (2022) apresenta um resgate do protagonismo feminino na narrativa, desconstruindo verdades tidas como universais e atemporais sobre o papel das mulheres, que estão presentes nas narrativas, mitos, e como analisado nesta pesquisa, contos. É importante trazer esses dados para pesquisa, uma vez que o conto de Rapunzel, bem como os demais analisados, carregam várias

questões sobre o protagonismo feminino. Tatar (2022, p.189-190), argumenta sobre esse tema no surgimento dos contos, quando:

Esse tipo de conversa entre mulheres era perigoso, e havia modos de desacreditar as histórias que lhe deram origem. O escritor alemão Christoph Martin Wieland protestou contra o que ele acreditava uma diminuição dos padrões literários quando declarou, em 1786, poucos anos antes dos Irmãos Grimm começarem a inserir contos de fadas entre as capas de um livro: “Não faz mal que os contos de fadas populares, contados pelo povo, sejam transmitidos oralmente, mas não devem ser impressos”. O seu ressentimento é um lembrete agudo de uma profunda necessidade de assegurar o limite que separa a eloquência impressa dos homens de educação refinada da mera tagarelice das mulheres.

Hunt (2010, p.257-258) também argumenta com essa perspectiva crítica quando fala que as mulheres e crianças leem de uma perspectiva masculina que está enraizada na linguagem, afirmando que:

Há até bem pouco tempo, conversar sobre livros se fundava em pressupostos gerais sobre significado, valor e aceitabilidade- assumindo tacitamente a norma do ocidental branco do sexo masculino- que se encontra bem enraizados na linguagem. Conforme diz Jonathan Culler em *On Deconstruction [Sobre desconstrução, 1983]*: “Se a experiência da literatura depende das qualidades de um eu leitor, pode-se perguntar que diferença faria para a experiência da literatura se esse eu fosse, por exemplo, mulher em lugar de homem” ou, poder-se-ia acrescentar, uma criança. À primeira vista, isso pode parecer uma declaração do óbvio: mulheres leitoras devem ler como mulheres. O que mais elas podem fazer? Bem, a resposta é que elas leem como mulheres enquanto assim definidas pelos homens; pois os sistemas de valor e os modos de perceber em vigor em nossa cultura são determinados pelos homens, haja vista o modo como a língua nomeia coisas que são neutras.

Segundo Tatar (2022), “Os editores das famosas coleções que continuamos a publicar hoje (Irmãos Grimm, Charles Perrault, Joseph Jacobs, Alexandre Afanasev, e outros) eram, na sua maioria, homens, figuras literárias proeminentes e atores políticos que não tinham reservas quanto a assumir o controle e redimensionar aquelas vozes incômodas que haviam transmitido contos de uma geração para outra.” (Tatar, 2022, p.192)

Charles Perrault, Os Irmãos Grimm, Joseph Jacobs e muitos outros filólogos, antiquários, e homens de letras (como antes eram chamados), que reuniam antologias nacionais de contos folclóricos, iniciaram o lento e constante processo de eviscerar o arquivo de contos, removendo o conteúdo mais sombrio, expurgando cenas alusivas a agressão sexual, violência doméstica e incestos. (Tatar, 2022, p.206). De acordo com Tatar (2022, p. 191):

Os contos de fadas dos círculos de mulheres contadoras de histórias eram ainda mais segregados e mantidos no seu lugar, sendo transplantados na cultura da infância. Passadas de geração em geração, as histórias – exceto aquelas consideradas ousadas e subversivas – podiam ser utilizadas para oferecer lições sobre valores, crenças e princípios morais. Elas se tornaram parte de uma agenda pedagógica que circulava livremente, e que precedeu a ascensão da alfabetização, oferecendo sabedoria empacotada em sagacidade.

Outra inspiração para o conto *Rapunzel* foi uma versão literária de Friedrich Schultz, no século XVIII, que se inspirou em um conto de fadas francês de Charlotte-Rose Caumont de La Force. Nesse sentido, o conto dos Irmãos Grimm foi contruído de forma híbrida, com elementos de diferentes culturas e meios sociais (Tatar, 2004, p.110). Além disso, Tatar (2004) finaliza a introdução do conto falando sobre a “*Síndrome de Rapunzel*”, nomeado assim por Margareth Atwood, que se trata de um modelo de história pronto aplicado a diversas histórias, sempre com a mesma estrutura do conto, que muito foi utilizado para a produção de diversos contos.

5.2 ADAPTAÇÕES DO PROGRAMA *CONTA PRA MIM*

Seguindo a comparação entre o conto original dos Irmãos Grimm e a adaptação do programa *Conta pra mim*, podemos perceber que este conto é o que mais difere entre o conto original e a adaptação do *Conta pra mim*. A adaptação também é bem menor nesta versão do que no conto original, sendo também mais um resumo, reduzindo várias caracterizações que prejudicam uma maior contextualização e inserção do leitor na história.

Na versão dos Irmãos Grimm, quem prende a personagem Rapunzel em uma torre e negocia os rapôncios com o pai de Rapunzel, não é nomeada fada, mas como bruxa. É nesse momento que percebemos que o conto dos Irmãos Grimm difere em gênero do conto do programa *Conta pra mim*, uma vez que o conto original faz parte do gênero de contos maravilhosos e a adaptação possui características muito mais marcantes do gênero conto de fadas. É importante enfatizar que Tatar (2004), trabalha os contos na perspectiva de contos de fadas, uma vez que o título de seu livro é *Conto de fadas: Edição comentada e ilustrada*, no qual os três contos estão presentes. Para os Irmãos Grimm, são considerados

contos maravilhosos.

Voltando para a análise, na adaptação, a verdura que a mãe de Rapunzel possui grande desejo, não são rapônios, mas beterrabas. Esta mudança não seria necessariamente um problema, visto que foi adaptado para um alimento encontrado no Brasil, mas que é nativo da Europa, provavelmente para manter a relação da origem do conto. Porém, pensando em uma história com alcance mundial, rapônios não existem, foi uma verdura criada provavelmente ficticiamente para dar sentido ao nome Rapunzel, que se encaixaria em qualquer realidade, pois não existem em nenhum lugar, e que fazem alusão a uma verdura/ alimento encontrado na natureza.

Outro ponto importante de se observar, é que na versão original, a fada negocia com o pai de Rapunzel, podendo ele escolher entre não levar os rapônios e esperar que nada acontecesse com sua mulher devido a sua vontade de comer rapônios, ou de levá-los e, posteriormente, dar Rapunzel a ela quando nascesse. Já na adaptação, o pai de Rapunzel não tem escolha, a bruxa, que no caso dos Irmãos Grimm é a fada, lança uma maldição obrigando ele a dar a bebê a ela quando nascesse.

Na versão original, Rapunzel se assusta quando encontra o príncipe, já que não havia tido contato com nenhum outro homem desde que estava trancada na torre. Já na adaptação em análise, Rapunzel e o príncipe se apaixonam à primeira vista e, a partir disso, os contos tomam rumos muito distintos. No primeiro, a fada descobre que Rapunzel está grávida, a agride e corta suas tranças, levando-a para ser abandonada em um deserto onde terá gêmeos. Na adaptação, vemos que o príncipe tenta ajudar Rapunzel a fugir a entregando uma corda, o que deixa a bruxa desconfiada, a bruxa corta suas tranças e a abandona na floresta.

Os contos diferem entre si também no momento que o príncipe fica cego. Na versão original ele mesmo pula da torre de desespero, tendo uma queda violenta na qual ele perde seus dois olhos, ficando cego. Já na adaptação, é a bruxa que derruba o príncipe que estava subindo na torre através das tranças cortadas de Rapunzel, que cai sobre uma moita de espinhos, ficando cego. Nas duas versões, o príncipe volta a enxergar através das lágrimas de Rapunzel, ao se encontrarem, seja no deserto ou na floresta.

Importante pensar no papel social da mulher, já mencionado anteriormente na pesquisa, para tentar compreender por que Rapunzel é trancada na torre com 12 anos. Por que exatamente com 12 anos? Esta é uma idade na qual sabemos que a

fisiologia do corpo da mulher vai se alterando e, provavelmente, o motivo é para deixá-la longe de possíveis homens, para que desenvolvesse bons costumes, e se guardasse para o casamento, a fada/ bruxa a tranca na torre.

Convém lembrarmos que, na época em que foram escritos os contos, as mulheres se casavam muito cedo. Embora muito tenha se alterado na sociedade contemporânea em relação ao papel social da mulher, e a mulher começou a ganhar mais espaço na sociedade, a versão do programa *Conta pra mim* mantém o conto, neste sentido, como escrito originalmente, diferentemente de uma versão que será apresentada na próxima subseção, na contação do conto pelo canal *Fafá conta histórias*.

Partindo da análise da adaptação do conto da Chapeuzinho Vermelho do programa “Conta pra mim”, podemos observar que as adaptações, assim como Discini (2002) afirma, são amenizadas. Da versão de Perrault, para a versão dos Irmãos Grimm, muitas cenas e falas são amenizadas, porém não retiram o sentido do conto. Ocorre, como ela diz, uma “paráfrase” do conto de Perrault mais detalhada. Já na versão desse programa, as cenas acabam sendo amenizadas demasiadamente, esvaziando ao meu ver o sentido e os valores que o conto carrega.

A partir desta perspectiva, Soares (2022) me fez repensar que o esvaziamento que a adaptação do programa *Conta pra mim* e, a falta de sentido e valores não são uma falta, mas uma substituição de “sentido e valores”. Vivemos em uma sociedade na qual não existe neutralidade, pois tudo que publicamos ou compartilhamos carrega os nossos princípios e valores. Portanto, esse programa trouxe consigo princípios e valores do Governo de Jair Bolsonaro. Concordo com a autora Soares (2022, p.53), quando ela afirma que:

O Programa esvazia o conto quando não oferece o acesso a vasta produção e circulação de livros já produzidos por diversos autores e ilustradores brasileiros. Essa vasta produção, uma vez nas escolas como política de acesso à leitura e ao livro, possibilitaria às crianças ampliarem suas experiências estéticas com a arte e a literatura. Não obstante, o que o Programa revela é um negacionismo ao conhecimento acumulado de pesquisadores da área da literatura, da educação, da linguagem e de autores e ilustradores brasileiros. Temos clareza que o Programa Conta pra Mim não é um Programa de Literatura para a Infância, como se denomina no “Guia de Literacia familiar”.

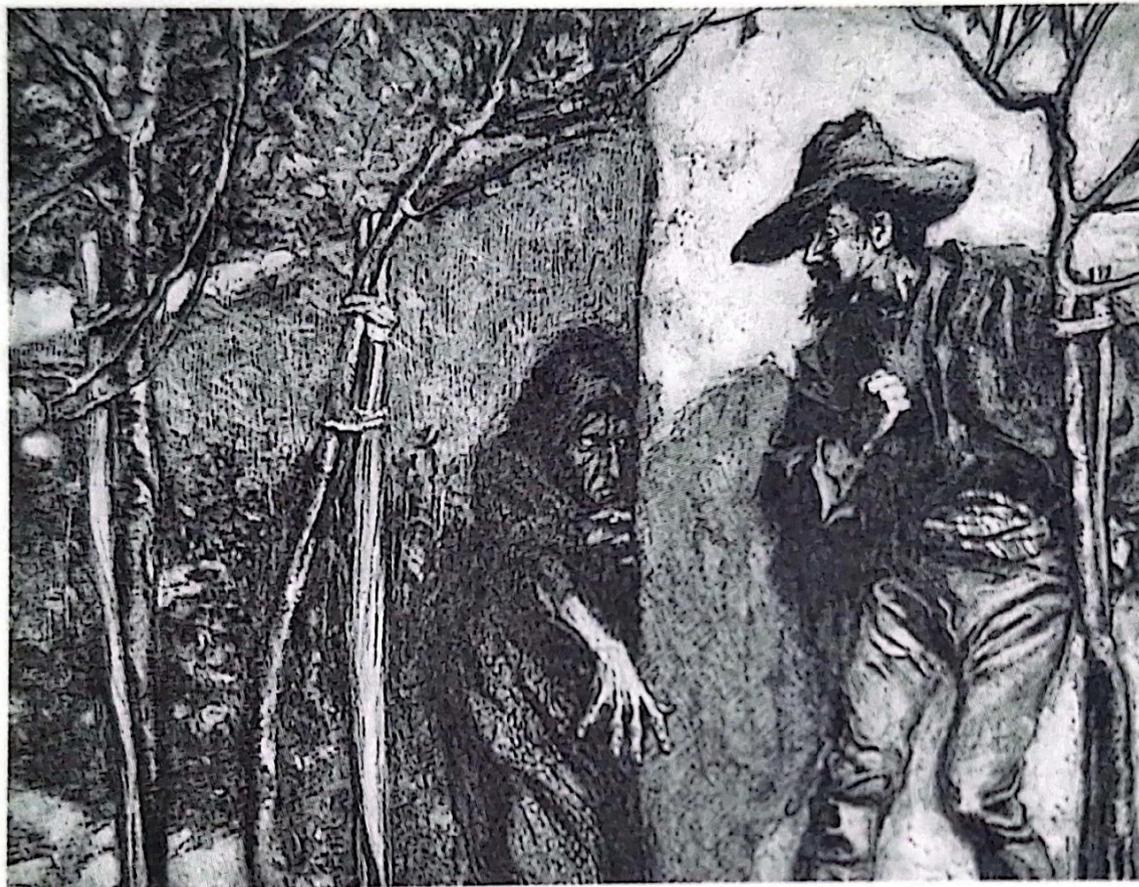
Assim como *João e Maria* e *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel* também foi incluída na coletânea do programa *Conta pra Mim*, devido a ser um conto muito famoso e também conhecido mundialmente. O programa, assim como nas demais adaptações, amenizou toda e qualquer violência e cenas que poderiam ferir valores considerados pelo programa. Nesse sentido, o conto não segue a história original dos Irmãos Grimm, retirando a gravidez de Rapunzel e minimizando a violência do abandono da personagem Rapunzel grávida, vivendo no deserto em uma vida miserável, assim como descrito na versão dos Irmãos Grimm.

Além disso, concordo com Nascimento (2022), Soares (2022) e Ramalhete (2020), em relação: ao reduzido número de páginas, que encurta bastante a história, às ilustrações superficiais que não permitem uma experiência estética ao leitor, e a uma adaptação voltada aos valores moralizantes de um determinado governo conservador.

5.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

Assim como fiz nos últimos contos, irei comparar as ilustrações presentes no livro de Tatar (2004) com algumas ilustrações do conto *Rapunzel* do programa *Conta pra mim*. A edição que Tatar (2004) utiliza em seu livro utilizado para análise também é a dos Irmãos Grimm, *Rapunzel*, em *Kinder und Hausmärchen*, 7ª edição, Berlim: Dietrich, 1857.

Figura 17: Ilustração Arthur Rackham, conto Rapunzel, 1916.



ARTHUR RACKHAM, 1916

A feiticeira assusta o homem à procura de “rapunzel” para sua mulher. Uma megera horrenda e de cenho franzido, ela estende uma mão retorcida para deter o intruso. As árvores firmadas com estacas no jardim sugerem uma mulher empenhada no crescimento correto do que está sob sua supervisão.

Fonte: Tatar (2004, p.112).

A ilustração da figura 17 que chama a atenção que Tatar (2004) traz, é a de Arthur Rackham, de 1916, no qual o pai de Rapunzel é pego pela fada/bruxa/feiticeira ao buscar mais rapôncios para sua mulher. Segundo a análise de Tatar (2004, p.112), “A feiticeira assusta o homem à procura de “rapôncios” para sua mulher. Uma megera horrenda e de cenho franzido, ela estende uma mão

retorcida para deter o intruso. As árvores firmadas com estacas no jardim sugerem uma mulher empenhada no crescimento correto do que está sob sua supervisão”.

Quando o conto diz “Fada” me causa certa estranheza com a ilustração, uma vez que na minha concepção e no meu imaginário essa ilustração me remeteu muito mais a uma bruxa do que a uma fada. Importante destacar que na adaptação analisada por esta pesquisa, no programa *Conta pra mim* se utiliza a expressão bruxa, e na versão dos Irmãos Grimm, se utiliza fada, e ainda na versão utilizada por Tatar (2004), se utiliza feiticeira.

Interessante a análise de Tatar (2004) quando ela fala “As árvores firmadas com estacas no jardim sugerem uma mulher empenhada no crescimento correto do que está sob sua supervisão”. É uma interpretação muito boa da educação que ela dá a personagem Rapunzel, a colocando longe de tudo e de todos, a fim de que não haja desvios em sua educação. Assim como se colocam estacas junto às mudas para que estas cresçam retas, ela colocou a personagem Rapunzel em uma torre, para que ela crescesse longe dos perigos da “imoralidade”.

Outro ponto é a questão do suspense que muito comentei nas ilustrações sobre o conto *João e Maria*. Esta ilustração traz uma atmosfera bem sombria do conto, uma fada/bruxa/feiticeira com características que trazem a questão da temática do medo. As sombras sugerem suspense do momento no qual o pai de Rapunzel é pego pela fada/bruxa/feiticeira. A mão que surge rente à parede, gera uma expressão de susto no pai da personagem principal, além da expressão brava da fada/bruxa/feiticeira.

Figura 18: Ilustração Vanessa Alexandre, conto Rapunzel, 2020.



Fonte: Brasil, Rapunzel, 2020, p.04

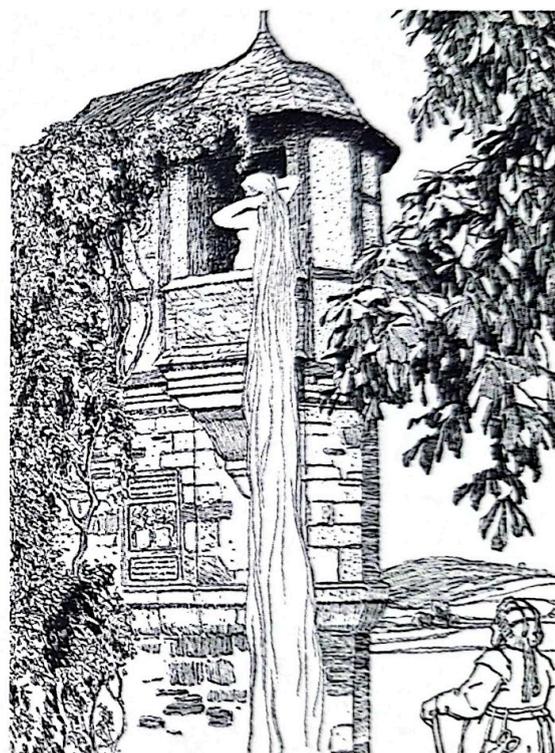
Comparando a ilustração da figura 17 com a ilustração da figura 18, de Vanessa Alexandre, podemos perceber que as duas cenas se passam no período da noite, porém na ilustração da figura 17 há novamente uma amenização do ambiente que não sugere que algo ruim está prestes a acontecer, a ilustração não traz este contexto, uma vez que o céu está estrelado, sem nenhum tipo de sombra. A bruxa por sua vez não possui um semblante mal, apenas aparenta estar brava. O pai e a mãe da personagem Rapunzel possuem um semblante de espanto.

Interessante analisar também que, na ilustração da figura 17, os rapôncios desejados pela mãe de Rapunzel não existem concretamente, e foi ilustrado pelo autor Arthur Rackham como um fruto que dá em plantas que precisam de estacas para se firmarem, para trazer o contexto da educação que a bruxa dá a personagem

Rapunzel. Já na ilustração da figura 18, de Vanessa Alexandre, são ilustradas beterrabas, que foram uma substituição dos rapônchos pela adaptação. A ilustração retrata apenas o que é descrito na literatura, não trazendo nada específico para se refletir ou compor o contexto pelo qual se passa o conto.

Figura 19: Ilustração Otto Ubbelohde, conto Rapunzel, 1907.

OTTO UBBELOHDE, 1907
 Nesta outra ilustração para a mesma cena a torre tem uma aparência um pouco menos assustadora que o habitual.

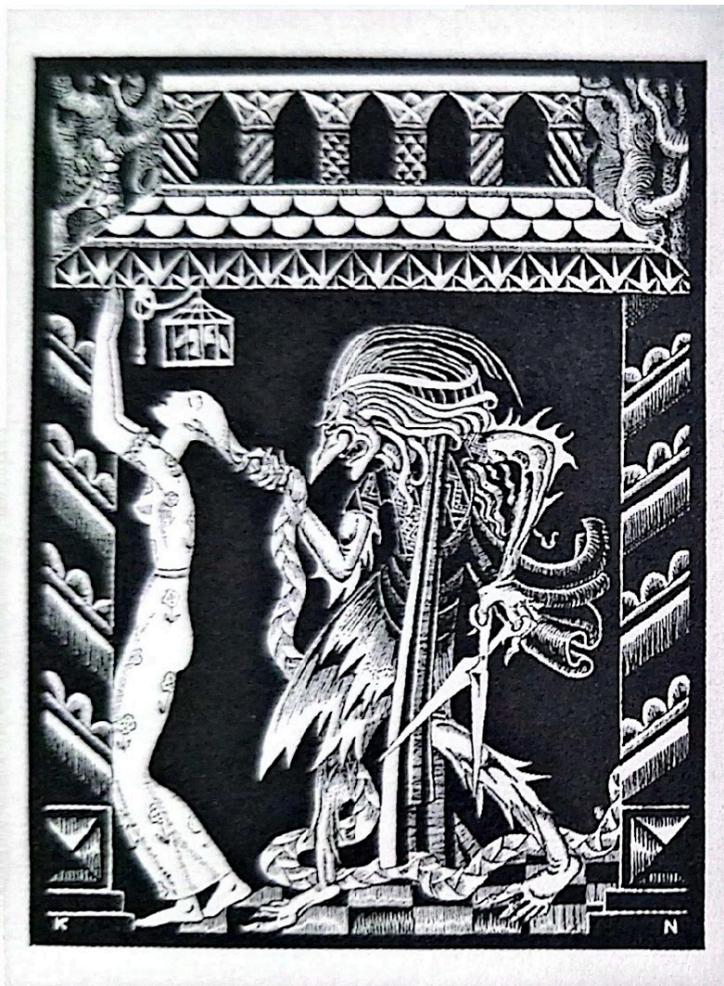


Fonte: Tatar (2004, p.113).

A ilustração da figura 19, de Otto Ubbelohde, de 1907, é, provavelmente, da primeira versão de Rapunzel, a mais polêmica. Segundo Tatar (2004), “Nesta outra ilustração para a mesma cena a torre tem uma aparência um pouco menos assustadora que o habitual” (Tatar, 2004, p.113). Para mim, a Rapunzel aparece nua, remetendo talvez à questão da sexualidade velada posteriormente no conto.

A ilustração traz traços simples, sem sombras, que destacam o cabelo de Rapunzel. As plantas acompanham o caimento dos fios de cabelo e a feiticeira parece ter mais idade do que nas outras ilustrações, nos remetendo mais à bruxa de *João e Maria*.

Figura 20: Ilustração Kay Nielsen, conto Rapunzel, 1922.



Fonte: Tatar (2004, p.116).

KAY NIELSEN, 1922

Uma feiticeira monstruosa com melenas desgrenhadas e nariz deformado empunha a enorme tesoura com que cortará a longa trança de Rapunzel. O cabelo trançado espalha-se como uma cobra em torno dos pés da feiticeira. O pássaro na gaiola é uma metáfora da pobre Rapunzel. A força desta ilustração deriva em parte do impressionante contraste entre as linhas simples e fluidas do vestido da menina e as feições grotescas do corpo da velha.

A ilustração de Kay Nielsen, de 1922, me trouxe uma certa estranheza, com traços bem diferentes dos quais estou acostumada, mas me chamou a atenção exatamente por isso. Ela traz diversos elementos que me remeteram a pinturas antigas e até mesmo egípcias, porém como relatado por Tatar (2004, p. 365-366), sua inspiração são em xilogravuras japonesas. “Nielsen, prende nossa atenção com suas perspectivas achatadas e traçado gracioso no que parecem ser terrenos vastos, árticos [...] Era fascinado não só pelo trabalho do artista britânico Aubrey Beardsley como pelo estilo Art Nouveau em geral e pelas xilogravuras japonesas”.

Segundo Tatar (2004), “Uma feiticeira monstruosa com melenas desgrenhadas e nariz deformado empunha a enorme tesoura com que cortará a

longa trança de Rapunzel. O cabelo trançado espalha-se como uma cobra em torno dos pés da feiticeira. O pássaro na gaiola é uma metáfora da pobre Rapunzel. A força desta ilustração deriva em partes do impressionante contraste entre as linhas simples e fluidas do vestido da menina e as feições grotescas do corpo da velha.” Esta ilustração traz muitos aspectos de reflexão e observação, que cobram do leitor um olhar mais crítico para leitura de metáforas.

Achei importante trazer a ilustração da figura 20 para análise, uma vez que ela traz uma outra perspectiva de ilustração, na qual ela não precisa necessariamente seguir um padrão, mas permitir com que a contextualização do conto traga aspectos que transformem a atmosfera na qual se passa a história. A ilustração de Kay Nielsen, diferentemente das versões do programa *Conta pra mim*, não amenizam o conto, mas traz todas suas características importantes através de um traço não tão comum.

Figura 21: Ilustração Vanessa Alexandre, conto Rapunzel, 2020.



Fonte: Brasil, Rapunzel, 2020, p.07

A ilustração da figura 21, de Vanessa Alexandre, segue as mesmas características das últimas ilustrações analisadas do programa *Conta pra mim*, um céu azul, pássaros, que remetem a um ambiente tranquilo em meio a natureza no qual a personagem Rapunzel se encontra presa em uma torre. Embora o conto se passe em uma floresta, percebemos que não há nenhuma árvore próxima à torre da personagem. O ambiente é pouco detalhado comparado às ilustrações que Tatar (2004), apresenta em seu livro.

Interessante ressaltar que a personagem na maioria das ilustrações sempre aparece com os cabelos claros, podemos perceber isso tanto na ilustração da figura 19 de Otto Ubbelohde, e a ilustração da figura 20, de Kay Nielsen. Isso representaria talvez o intuito de abrir o conto para uma diversidade cultural, tirando um pouco o fenótipo dos cabelos loiros europeus para uma representação mais brasileira.

Essa tentativa também foi possível perceber na ilustração da figura 18, quando os rapôncios foram substituídos por beterrabas, porém as beterrabas também são de origem europeia e cultivadas principalmente nas regiões sul e sudeste do Brasil. É uma tentativa que não traz tanto fundamento, uma vez que a beterraba e o fenótipo de cabelos pretos e pele clara não seriam a melhor representação brasileira a partir da minha perspectiva.

Figura 22: Ilustração Ernst Liebermann, conto Rapunzel, 1922.



ERNST LIEBERMANN, 1922

Rapunzel está assustada com o aparecimento de um jovem no lugar da feiticeira. A cama confortável, os ricos drapeados, o traje gracioso e o espelho ornamentado criam uma atmosfera sensual em seu refúgio na mata.

Fonte: Tatar (2004, p.115).

A ilustração da figura 22, de Ernst Liebermann, representa o primeiro contato que a personagem Rapunzel possui com o príncipe. Bem como Tatar (2004), comenta sobre a ilustração, percebemos o olhar curioso de Rapunzel e a sensualidade que a ilustração carrega. Ao mesmo tempo que a personagem Rapunzel aparenta estar curiosa, a expressão do príncipe é de espanto e desejo sobre a personagem principal. O ambiente é bem detalhado, e a luz sobre os dois personagens sugerem a eles um foco principal e o ambiente com um foco secundário da cena, mas que trabalha a atmosfera do sentido da ilustração, que é como Tatar (2004) comenta, detalhar um refúgio na mata com uma atmosfera sensual.

Esta é uma ilustração com um contexto não direcionado às crianças, da mesma maneira que o conto inicialmente foi trazido com uma temática mais adulta, com a gravidez da personagem Rapunzel. Porém, pode ser muito importante trazer essa versão e até mesmo ilustrações como estas, para um debate de educação sexual para jovens e adolescentes, no qual a personagem Rapunzel, afastada de tudo e de todos, tem seu primeiro contato com um jovem, e em meio ao seu desenvolvimento corporal, sem informações, e sem idéia das consequências que este envolvimento poderia trazer, acaba engravidando.

Figura 23: Ilustração Vanessa Alexandre, conto Rapunzel, 2020.



Fonte: Brasil, Rapunzel, 2020, p.10

A última ilustração analisada por esta pesquisa é da figura 23, de Vanessa Alexandre, do programa *Conta pra mim*. Assim como nas outras ilustrações analisadas ao longo desta pesquisa a respeito do programa *Conta pra mim*, percebemos um traço bem simplista com poucos detalhes que revelam a história. Uma torre vazia, sem objetos, mobília, que remetesse a forma na qual a personagem vivia na torre, não trazendo um contexto à ilustração.

Assim como na ilustração da figura 22, a personagem Rapunzel traz uma expressão de grande espanto, ao encontrar pela primeira vez o príncipe, porém, percebemos a diferença de uma ilustração para outra na expressão do príncipe, que traz um olhar amigável, fazendo um gesto de cumprimento, em contraponto ao príncipe da ilustração da figura 22, que olha para Rapunzel com outras intenções, reforçadas pela atmosfera sensual da ilustração. Essa ilustração tem como público alvo crianças, e percebemos essa diferenciação por meio das intenções apontadas na cena, como a expressão do príncipe e a atmosfera de pássaros cantando. Mas ela poderia ser muito mais explorada para o contexto infantil, para trazer um contexto pelo qual se passa a cena, com maiores características dos personagens e do ambiente.

As ilustrações dos livros infantis são muito importantes dentro da literatura, porém muitas vezes, não há essa preocupação por parte de autores, pais e responsáveis que irão trazer a literatura para as crianças. Precisamos estar atentos ao que estamos disponibilizando para nossas crianças para que não as limitemos, uma vez que, segundo Hunt (2010, p.242-243):

Como em outras formas de textos, pode-se dizer piamente que não deveríamos limitar as crianças; mas, da mesma forma, para não as limitar, precisamos de certa avaliação sobre aquilo para que as estamos libertando. Segundo John Rowe Townsend, “muitas vezes os livros-ilustrados são a primeira introdução da criança à arte e à literatura [...]. Dar a ela livros-ilustrados crus, estereotipados é abrir o caminho para tudo o mais que é cru e estereotipado [...] mesmo que as crianças nem sempre apreciem o melhor quando o veem, elas não terão nenhuma chance de apreciá-lo se não virem”.

Nesse sentido, vejo a partir das ilustrações analisadas sobre o programa *Conta pra mim* nesta pesquisa, que as ilustrações apresentadas não contribuem para uma educação crítica, principalmente por apresentar ilustrações extremamente cruas e estereotipadas, como foi trazido por Hunt (2010). Não devemos limitar as

crianças em sua vasta imaginação a se prenderem a uma ilustração e literatura que não contribuam para seu desenvolvimento social e crítico, ainda mais em um momento tão importante como o de letramento literário das crianças que é a proposta que o programa *Conta pra mim* traz, chamada de “literacia” familiar.

5.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CANAL Fafá conta histórias

No canal do YouTube, Fafá conta histórias, da atriz Flávia Ribeiro Scherner, também foi encontrada a contação de história do conto *Rapunzel*, porém em uma outra versão, chamada *A Revolução da Rapunzel*, de Teca Machado. O vídeo foi publicado no dia 22 de maio de 2020, em parceria com a Plan e a Nivea. A duração do vídeo é de doze minutos.

Por ser um vídeo mais recente em relação aos outros analisados nesta pesquisa, o cenário se alterou um pouco. As nuvens deram espaço a uma parede azul. Ela manteve suas almofadinhas com velcro para criação de personagens. Ela mudou também seu cabelo, que ficou curto e ruivo.

Neste vídeo, há acessibilidade em libras. Achei muito legal e importante para inclusão das crianças. Nos últimos anos, a plataforma YouTube cresceu muito, o que abriu portas para muitos educadores e contadores de história na internet. O alcance por meio da internet é muito grande. Enquanto em uma sala de aula você pode contar uma história para 30 alunos, por meio de um vídeo no YouTube, é possível se alcançar por exemplo dez mil espectadores ao mesmo tempo. É uma facilidade incrível de chegar ao seu público alvo, mas que requer grande responsabilidade e interesse, uma vez que por exemplo, muitas crianças que têm deficiência auditiva podem ser prejudicadas quando não há esse tipo de acessibilidade em libras.

Fafá começa o vídeo com seu bordão “Olá eu sou a Fafá, e uma história eu vou contar”. Ao invés de chamar sua antena captadora de histórias, neste vídeo ela já começa falando o título da história que ela irá contar, e explica um pouco sobre o livro que faz parte de uma coleção chamada “A Revolução das Princesas” da Plan International Brasil, que é uma ONG que promove os direitos das crianças e adolescentes, especialmente das meninas. Sua contação foi uma iniciativa do projeto “Famílias que Cuidam” da parceria da Plan com a Nivea. Após toda sua explicação para contextualizar os espectadores, ela seguiu sua programação de contação. Ela

ativou sua antena captadora de histórias junto com o seu público, de forma lúdica, pedindo ajuda de quem está assistindo sua contação, e com a ajuda de efeitos sonoros.

Nessa contação, ela utilizou o livro como instrumento para contação, não fazendo uso de suas almofadas, deixando-as apenas ao fundo do vídeo. Ela ia lendo, interpretando e mostrando as ilustrações do livro enquanto fazia a contação. O conto difere bastante tanto do conto original analisado nesta pesquisa, quanto da adaptação do programa *Conta pra mim*. A história possui os mesmos elementos e características do conto original, porém reconstruído em outra ordem. Em resumo, a história começa a partir de uma grande briga de Rapunzel com seus pais, saindo do castelo para se acalmar. Ela era uma princesa, única filha, na primeira linha de sucessão do trono para ser rainha, e esperava ansiosamente por isso, pois queria fazer a diferença para seu reino. Ela estudava bastante, pedia conselhos ao seu pai, e aprendia diariamente o que era preciso para ser uma boa líder. Porém, não entendia, porque ela tinha que ser o que seus pais acreditavam ser uma dama educada.

Ela afirma que era inteligente, sabia convencer, ajudava as pessoas e respeitava os mais velhos e questionava o leitor: “Isso era ser muito educada, certo?” e apostava que se tivesse um irmão homem, ele estaria aprendendo a lutar e caçar, que era o que ela queria aprender, porém teve que aprender isso sozinha, pois ela só tinha aulas de etiqueta. Para ela, pior que isso era a insistência de sua mãe para que ela prendesse os longos cabelos com penteados adequados, comparando ela com todas as meninas que supostamente já faziam isso. Por praticidade e para que sua mãe parasse de reclamar, ela aprendeu a fazer uma simples trança que ia abaixo da cintura.

Andando pela floresta, para espiares após a briga, Rapunzel não estava se localizando e achou que podia ter entrado até mesmo em outro reino. Pensando em como voltar para casa, ela escutou gritos. Ao seguir os gritos encontrou uma enorme torre com um príncipe, que contou que havia sido sequestrado pelos ministros de seu pai para que ele não casasse, pois ele havia se apaixonado por uma garota que não era da realeza, e eles queriam que ele se casasse com uma princesa qualquer para que os reinos se unissem e ele não queria. Então os ministros de seu pai o sequestraram afirmando que ele havia fugido com a sua

noiva, e disseram para ela que ele havia desistido da cerimônia.

Foi então que o príncipe pediu ajuda a Rapunzel para descer da torre. Rapunzel escalou a torre, mas não sabia se o príncipe conseguiria descer, e descer com ele nas costas seria muito perigoso. Perguntou ao príncipe se ele sabia fazer tranças, pois havia trigo no quarto. Como ele não sabia trançar o trigo, Rapunzel o ensinou e os dois juntos produziram uma corda de cereal para chegar ao chão. Amarraram em um pilar bem firme e desceram. O príncipe ainda percebeu que o cordão que produziram parecia com o cabelo de Rapunzel.

Então os dois subiram em seu cavalo e Rapunzel o levou até o castelo, para que pudesse se casar ainda naquele dia. Depois voltou para casa feliz e realizada por ter salvo o príncipe. Dias depois, receberam uma carta do reino vizinho que falava que o rei havia descoberto o que os ministros haviam feito. O príncipe conseguiu se casar com sua amada e estava muito feliz, graças a Rapunzel. Pediu ainda que os reinos comessem uma aliança política, comercial e de amizade. As duas terras viveram em harmonia por séculos, principalmente quando Rapunzel assumiu como rainha.

Fafá termina a história mostrando a última ilustração do livro e com um sorriso, chama a vinheta com o logo da *Revolução das Princesas*. Esta seria uma adaptação mais próxima do que Tatar (2022) traz como importante para os contos, em busca de um maior protagonismo feminino nas histórias e contos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se aproximando do fim deste trabalho de conclusão de curso, podemos constatar que o objetivo e hipóteses que iniciaram este trabalho foram alcançados e abriram espaço para muitas outras discussões importantes dentro da ilustração e do papel da literatura infantil em nossa vida. Constatamos que as histórias dos Irmãos Grimm vão muito além das temáticas do medo e da violência pelo qual são conhecidos, e pelo qual iniciei esta dissertação.

Somos seres dotados de história. Como vimos o contexto histórico de cada conto, nossa sociedade perpassou por muitos momentos históricos que a transformaram no que ela é hoje. Muitos problemas enfrentados no passado, ainda passamos no presente, às vezes com outra roupagem, mas de certa forma com mesmo significado.

O abandono das crianças e a fome no conto de *João e Maria*; a violência que enfatiza o “não fale com estranhos” no conto de *Chapeuzinho Vermelho* e o papel social da mulher idealizado pela sociedade é também retomado em todos os contos analisados, principalmente no conto *Rapunzel*.

As temáticas da violência e do medo fazem com que estes contos sejam tão famosos, com que tenham se perpetuado por tanto tempo e, ainda assim, sejam tão atuais. Eles retratam a vida e os problemas pelos quais a nossa sociedade passa, nos ajudando a construir os nossos próprios valores para enfrentar a vida. Nós nos identificamos com essas histórias, criamos valores e significados pessoais, ainda mais a partir da ilustração, que carrega o sentimento, apego, e traz a trama um imaginário, tanto para as crianças como para os adultos. As ilustrações permitem com que o indivíduo mergulhe na história, sonhe, crie e recrie.

A partir desta pesquisa ainda, pudemos conhecer o programa *Conta Pra mim*, que faz parte da Política nacional de Alfabetização (PNA), que pudemos observar não ser efetivo para o seu objetivo de incentivo à literatura familiar, já que é um programa que deveria levar literatura infantil a todo o Brasil, porém não leva em considerações as condições de desigualdade que nosso país vive, no qual milhares de pessoas não possuem acesso à internet e tecnologias compatíveis ao programa, analfabetismo dentro das famílias, além de adaptações muito simplificadas dos contos dos Irmãos Grimm e de outros autores.

Além disso, o enredo curto não permite com que a criança desenvolva sua imaginação. Sua leitura ou escuta acabam não sendo prazerosas para a criança, sendo apenas uma transmissão de uma moral. Nesse sentido, quais valores são formados a partir da adaptação do conto no programa “conta pra mim”? Retira-se a criticidade, a reflexão e a construção de valores.

Iniciei este Trabalho de Conclusão de Curso com a preocupação sobre o medo excessivo que estas histórias poderiam trazer as crianças, mas agora meu maior medo é que a literatura infantil se torne tão apática que não forme mais cidadãos críticos, para apreciação estética, cidadãos saibam lidar com os problemas que surgem durante a vida e com seu emocional.

Pudemos conhecer outras alternativas interessantes que exploram a literatura infantil, como a contação de histórias da atriz Flávia Scherner, em seu canal no YouTube *Fafá conta histórias*, no qual ela traz contos e histórias infantis de autores conhecidos, reconhecidos e que promovem a formação de valores. Tudo isso de forma lúdica e com muito respeito pelas crianças. Além disso, ainda ministra cursos e palestras para uma formação continuada de profissionais da educação, ou de pais e responsáveis que queiram se aprimorar na área da contação de histórias.

Esta pesquisa abriu espaço para outras temáticas que podem ser abordadas futuramente em outros trabalhos e que me geraram grande interesse, como: a importância da contação de histórias para a Literatura Infantil; como a Literatura Infantil contribui para o desenvolvimento das crianças, a mudança nas ilustrações dos livros infantis ao longo dos séculos; entre outros.

A pesquisa mostrou a importância que a Literatura Infantil tem para a formação de valores do ser humano e como somos responsáveis pela sua propagação de forma consciente e respeitosa para formação de cidadãos críticos. Isso deve acontecer escolhendo livros, autores, ilustradores e até adaptações reconhecidas, pois adaptar não quer dizer que seja algo ruim. Nossa sociedade se transforma a todo instante, as adaptações são necessárias, mas devem ser feitas de forma crítica e cuidadosa para que não percam o sentido máximo de reflexão, construção de valores e do prazer que é viajar em um bom livro.

REFERÊNCIAS

BOMBONATO, Jéssica Ribeiro. **A violência dos contos de fadas dos Irmãos Grimm e a literatura infantil brasileira**: transformações e reinterpretações. 2022. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022. doi: <https://doi.org/10.11606/D.8.2022.tde-05102022-193532> Acesso em: 22 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. “Conta pra mim”. <http://alfabetizacao.mec.gov.br/politica-nacional-de-alfabetizacao-2/o-que-e>.

BRASIL, Ministério da Educação – MEC ; coordenado por Secretaria de Alfabetização - Sealf. João e Maria – Coleção conta pra mim. Brasília, DF : MEC/Sealf, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação – MEC ; coordenado por Secretaria de Alfabetização - Sealf. Chapeuzinho Vermelho – Coleção conta pra mim. Brasília, DF : MEC/Sealf, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação – MEC ; coordenado por Secretaria de Alfabetização - Sealf. Rapunzel – Coleção conta pra mim. Brasília, DF : MEC/Sealf, 2020.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

FEITOSA, Nathalia M. S; SALDANHA, Diana M. L. L. Rapunzel dos Irmãos Grimm: Um estudo entre as versões do conto publicadas em 1812 e 1857. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n.24, p.144-162,2022. ISSN 2317-2215

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wihelm. Contos maravilhosos infantis e domésticos - 1812-1815. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 328 p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

NASCIMENTO, A. A. C. do. Uma adaptação à brasileira: Uma análise comparativa entre João e Maria, dos irmãos Grimm, e a versão do programa Conta Pra Mim. Revista Crioula, [S. I.], n. 29, p. 179-198, 2022.

RAMALHETE, Mariana Passos. O retrocesso empurra a porta: A literatura infantil e o programa conta pra mim. Caderno de Letras, Pelotas, n. 38, pp.151-167, set-dez 2020. ISSN 2358-1409.

SCHERNER, Flávia. Fafá conta: Quem é Fafá!:) COM LEGENDAS EM PORTUGUÊS. YouTube. 28 de ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mrpoNSk8GmU> Acesso em: 18 ago. 2022.

SCHERNER, Flávia. JOÃO E MARIA - contação de histórias por Fafá conta. YouTube. 14 de jan. 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XvDSwsgJahA> Acesso em: 18 ago. 2022.

SCHERNER, Flávia. CHAPEUZINHO VERMELHO - histórias contadas por Fafá conta. YouTube. 07 de jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVEb9K9lyzQ> Acesso em:18 ago. 2022.

SCHERNER, Flávia. A REVOLUÇÃO DE RAPUNZEL com acessibilidade em libras | Fafá Conta. YouTube. 22 de maio. 2020 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l8moHeqmHaM> Acesso em:18 ago. 2022.

SOARES, Gabrielle Bohrer. **O conto de Fadas “Chapeuzinho Vermelho” no Programa Conta pra Mim**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

TATAR, Maria. **A heroína de 1001 faces**: O resgate do protagonismo feminino na narrativa exclusivamente masculina da jornada do herói. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022. 432 p.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**: Edição comentada e ilustrada. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. 385 p.

ANEXO A - Conto *João e Maria* pelos Irmãos Grimm

“Diante de uma grande floresta vivia um lenhador que não tinha nada para mastigar e nem para lascar e mal conseguia um pão diário para alimentar a esposa e os dois filhos, João e Maria. Certo dia, ele não conseguiu arranjar nem isso e não sabia o que fazer para sair daquele apuro. À noite, ao se revirar preocupado de um lado a outro na cama, a mulher disse: “Ouça, marido, amanhã bem cedinho dê um pão às duas crianças e leve-as para o meio da floresta, onde a mata for mais espessa. Faça uma fogueira e vá embora deixando-as ali, porque não podemos mais alimentá-las”. “Não, mulher”, disse ele, “não posso entregar meus próprios filhos queridos para serem devorados pelos animais selvagens da floresta.” “Se você não o fizer, morreremos todos de fome”, disse a mulher, e não o deixou em paz até que ele acabou dizendo sim.

Por sentirem fome, as duas crianças também estavam acordadas e ouviram tudo o que a mãe disse ao pai. Maria logo começou a chorar, pensando no que iria acontecer a ela, mas João disse: “Calma, fique quieta que eu vou dar um jeito”. Então ele levantou-se da cama, vestiu o casaco, abriu a porta e saiu de mansinho. A lua brilhava clara e as pedras brancas no chão luziam como lamparinas. João encheu o casaco com tantas pedras quanto couberam em seus bolsos e voltou para dentro de casa. “Acalme-se, Maria, e duram sossegada”, disse à irmã, voltou a se deitar na cama e adormeceu.

De manhã cedo, antes do sol nascer, a mãe acordou os dois: “Acordem, crianças, nós vamos à floresta. Tomem aqui um pedaço de pão, mas aconselho guarda-lo até a hora do almoço”. Maria colocou o pão no avental, porque o casaco de João estava cheio de pedras, e os dois se puseram a caminho da floresta. Depois de terem caminhado um pouco, João parou e olhou para trás, em direção a sua casa, e pouco a diante o fez novamente. O pai perguntou: “João, por que você está olhando para trás e parando? Preste atenção e nos acompanhe”. “Ah, pai, estou olhando para o meu gatinho branco, que está sentado no telhado e quer se despedir de mim.” “Que tolo você é, não é o seu gatinho, é o sol da manhã que está batendo na chaminé”, retrucou a mãe. Mas João não estava parando para olhar nenhum gatinho e sim para jogar uma das pedras que levava em seu bolso no caminho atrás de si.

Ao chegarem ao meio da floresta, o pai disse: “Crianças, agora juntem madeira porque eu vou ascender uma fogueira para espantar o frio”. João e Maria recolheram gravetos até formarem um pequeno monte, então atearam fogo e, assim que a chama levantou, a mãe disse: “Agora deitem perto do fogo e durmam enquanto nós vamos cortar a lenha da floresta. Esperem até voltarmos para buscá-los”.

João e Maria ficaram sentados junto ao fogo até a hora do almoço, quando então comeram seu pedacinho de pão. Depois esperaram até anoitecer, mas ninguém apareceu para buscá-los. Quando a noite caiu, Maria começou a chorar, mas João disse: “Espere mais um pouco até a lua aparecer”. E, quando a lua apareceu no céu, João pegou Maria pela mão e juntos seguiram o rastro luminoso das pedras, que pareciam moedas recém-forjadas, indicando o caminho. Andaram a noite inteira e, quando amanheceu, chegaram a casa paterna. O pai ficou muito contente ao rever os filhos porque ele não tinha gostado nem um pouco de abandoná-los sozinhos, e a mãe fingiu alegria, mas no fundo estava brava.

Não passou muito tempo para que voltasse a faltar pão na casa e uma noite João e Maria ouviram a mãe dizer ao pai: “As crianças conseguiram encontrar o caminho de volta uma vez e eu aceitei, mas agora não temos nada para comer, além da metade de um pãozinho. Amanhã você deve levá-las mais a fundo na floresta para que não encontrem o caminho de volta, senão não podemos nos salvar”. O marido sentiu o coração apertado e

pensou que seria melhor dividir o último bocado com os filhos, mas, como da primeira vez, acabou cedendo. João e Maria ouviram a conversa dos pais. João levantou da cama pensando em recolher as pedrinhas, mas, ao chegar à porta, viu que a mãe a havia trancado. Mesmo assim ele consolou Maria, dizendo: “Durma bem Maria, o bom Deus vai nos ajudar”.

De manhãzinha eles receberam um pedacinho de pão menor que o de antes. No caminho, João tratou de despedaçar o pão no bolso do casaco e, de quando em quando, parava para jogar uma migalha no chão. “Mas, João, por que você sempre fica olhando para trás? Ande logo.” “Ah, eu estava olhando a minha pombinha sentada no telhado querendo se despedir”. “Mas que tolo, não é sua pombinha, é o sol da manhã batendo na chaminé”, retrucou a mãe. E João despedaçou seu pão e saiu jogando as migalhas pelo caminho.

A mãe levou-os ainda bem mais fundo na floresta, num lugar em que jamais tinham estado antes em suas vidas. Ali novamente deveriam dormir junto ao fogo e os pais iriam busca-los ao anoitecer. Ao meio-dia, Maria dividiu seu pão com João, porque ele jogara o dele pelo caminho. Passou meio-dia, passou a tarde e ninguém apareceu para buscar as crianças. João consolou Maria, dizendo: “Espere a lua aparecer no céu, aí eu vou conseguir ver as migalhas que espalhei pelo chão, que vão apontar o caminho de volta até a nossa casa”. A lua surgiu, mas quando eles procuraram pelas migalhas elas tinham desaparecido, porque tinham sido comidas pelos milhares de pássaros que habitavam a floresta. João pensou que conseguiria encontrar o caminho para casa e saiu levando Maria pela mão, mas eles logo se perderam mais ainda na selva e, depois de terem andado a noite inteira e um dia inteiro, acabaram adormecendo, exaustos. Andaram ainda um dia a mais, mas não conseguiram sair da floresta e estavam muito famintos por não terem nada para comer além de umas poucas amoras silvestres que estavam pelo chão.

No terceiro dia, eles andaram até o meio-dia e aí chegaram a uma casinha toda feita de pão, coberta com bolo e cujas janelas eram de açúcar bem branco. “Vamos parar aqui e comer bem”, disse João. “Eu vou comer do telhado. Come você das janelas, Maria, são bem docinhas, você vai gostar.” João já tinha se servido de um bom pedaço do telhado e Maria, depois de ter comido algumas vidraças redondas, estava justamente quebrando mais um pedaço quando ouviram uma voz fina vinda de dentro:

“Crec crec, isca isca”

Quem minha casinha petisca?”

João e Maria levaram tamanho susto que deixaram cair o que tinham nas mãos e logo em seguida viram uma velhinha bem franzina saindo pela porta. Ela balançou a cabeça e disse: “Oi, crianças, como vieram parar aqui? Entrem comigo que irão passar bem”. Então ela pegou os dois pelas mãos e levou-os para dentro da casa. Lá, serviu-lhes boa comida. Leite e panquecas doces, maçãs e nozes e depois preparou duas belas caminhas, em que João e Maria se deitaram pensando estarem no céu.

Mas a velha era uma bruxa má que armava emboscadas para as crianças e havia construído aquela casinha de pão apenas para atraí-las. Quando capturava uma, matava-a, cozinhava e comia como se fosse em dia de festa. Ela ficou muito feliz quando João e Maria apareceram. De manhã bem cedo, levantou, foi até a caminha deles e, ao ver os dois dormindo um sono tranquilo, ficou feliz e pensou que seria um belo banquete. Então prendeu João num pequeno engradado, e quando ele acordou se viu cercado por uma grade, como se fosse um frango, e só podia dar alguns passos. Depois a bruxa sacudiu Maria, dizendo: “Levante, preguiçosa. Vá apanhar água e cozinhar alguma coisa boa para seu irmão, que está preso no galinheiro, porque quero engorda-lo e, quando estiver bem

gordo, vou devorá-lo. Até lá, você deve alimentá-lo”. Assustada, Maria chorou, mas teve de fazer o que a bruxa estava mandando. Todos os dias a melhor comida era preparada para João para que ele engordasse e Maria não recebia nada além das cascas. Todos os dias, a velha vinha e dizia: “João, espiche o dedo para que eu possa sentir se você está engordando bem”. Mas João estendi um ossinho e ela ficava admirada de que ele não engordava.

Passadas quatro semanas, ela disse, certa noite: “Corra e traga água porque amanhã vou matar e cozinhar seu irmão, esteja ele gordo ou não, nesse meio-tempo vou fazer a massa e depois também podemos colocá-la para assar”. Com o coração apertado, Maria trouxe a água em que João deveria ser cozido. De manhã cedinho ela teve de levantar, acender o fogo e pendurar o caldeirão com a água. “Preste atenção para quando a água ferver, enquanto isso vou ascender o forno e colocar o pão para assar”, disse a bruxa. Parada no meio da cozinha, Maria chorava lágrimas sangrentas e pensava que teria sido melhor se eles tivessem sido devorados pelos animais da floresta. Ao menos teríamos morrido juntos e não teríamos sofrido tanto, e eu não precisaria ferver a água para cozinhar meu querido irmão. Meu bom Deus, salvai a nós, pobres crianças.

Então a velha chamou Maria: “Maria, venha cá junto ao forno”. Quando Maria se aproximou, ela disse: “Olhe lá dentro e veja se o pão já está moreninho e assado, meus olhos são fracos, não consigo enxergar tão longe, e se você não conseguir, sente-se na tábua que eu empurro você para ver lá dentro de perto”. Mas, na verdade, quando Maria estivesse dentro do forno, a bruxa queria fechar a porta e assá-la para comê-la também. Era essa a sua verdadeira intenção e foi para isso que ela chamou Maria. Mas Deus inspirou Maria, que disse: “Eu não sei bem como fazer, me mostre primeiro, sente-se na tábua que eu a empurro”. E a velha sentou-se na tábua, e, por ser bem levinha, Maria empurrou o mais longe que podia e em seguida fechou a porta rapidamente e colocou a trava de ferro. A velha começou a gritar e a se lamentar dentro do forno quente, mas Maria fugiu correndo dali e a bruxa acabou morrendo queimada.

Maria correu até onde estava João, abriu a porta, ele saltou para fora e eles se beijaram e pularam de alegria. A casa estava repleta de pedras preciosas e de pérolas e as crianças encheram os bolsos e encontraram o caminho de volta para casa. O pai ficou muito feliz em revê-las, não tinha tido nenhum dia de alegria desde que as crianças partiram e agora era um homem rico. A mãe, porém, havia morrido.”

Fonte: Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815), Editora Cosac Naify 3ª edição, 2015.

ANEXO B - Conto *Chapeuzinho Vermelho* pelos Irmãos Grimm

Era uma vez uma menina que era querida por todos – bastava olhar para ela para gostar dela. Mas quem mais a amava era sua avó, que fazia de tudo para lhe agradar. Um dia, a avó deu a ela um chapeuzinho vermelho, e a menina gostou tanto que nunca mais quis usar outro, e por isso foi apelidada de Chapeuzinho Vermelho. Certa vez, a mãe disse a ela: “Pegue esta fatia de bolo e a garrafa de vinho e leve até a casa da vovó, que está fraca e doente. Ela vai gostar. Seja boazinha e mande lembranças a ela. Ande direitinho e não desvie do caminho, senão vai cair e quebrar a garrafa e sua avó ficará sem nada”.

Chapeuzinho prometeu fazer tudo como a mãe mandou. Acontece que a avó morava na floresta, a meia hora de distância do vilarejo. Ao chegar à floresta, Chapeuzinho encontrou o lobo, mas não tinha ideia de que se tratava de um animal perigoso e não teve medo. “Bom dia, Chapeuzinho Vermelho.” “Bom dia, lobo!” “Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?” “Para a casa da minha vovó.” “O que está levando em seu avental?” “A vovó está doente e fraca, então vou levar para ela um bolo que fizemos ontem e vinho. Isso deve deixá-la mais forte.” “Chapeuzinho, onde mora a sua avó?” “A uns quinze minutos daqui. A casa fica embaixo dos três carvalhos, e em volta há arbustos, você logo vai reconhecer”, respondeu Chapeuzinho. O lobo pensou “Esse é um delicioso bocado para mim. O que você vai fazer para consegui-lo?”. Então, disse para Chapeuzinho: “Olhe aqui, Chapeuzinho, você não viu as lindas flores que existem na floresta. Porque não dá uma olhada por aí? Acho que você nem está ouvindo o lindo canto dos passarinhos. Está andando como se estivesse na vila inda para a escola. É tão divertido passear pela floresta”.

Chapeuzinho levantou os olhos e, quando viu os raios de sol atravessando as árvores e as lindas flores que cresciam por todo lado, pensou: “E se eu levasse um ramalhete de flores para minha avó? Ela ia gostar muito e ainda é cedo, não vai demorar”. Assim, entrou na floresta e se pôs a colher flores. E, sempre que colhia uma, logo via outra mais bonita logo adiante, e assim, de flor em flor, foi entrando cada vez mais fundo na mata. O lobo, por sua vez, correu diretamente para a casa da avó e bateu na porta. “Quem é?” “Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo bolo e vinho para você. Abra a porta.” “É só virar a maçaneta”, respondeu a avó, “estou tão fraca que não consigo levantar.” O lobo girou a maçaneta e a porta se abriu. Então ele entrou, foi direto até a cama e devorou a avó. Depois vestiu as roupas dela, colocou a touca na cabeça, deitou-se na cama e fechou o cortinado.

Chapeuzinho andou por muito tempo colhendo flores e só parou quando não cabia mais nenhuma em suas mãos. Depois foi para casa da avó. Estranhou que a porta estivesse aberta e quando entrou achou tudo tão esquisito que pensou “Ai, meu Deus, porque estou com essa sensação estranha de medo? Eu sempre gosto tanto de estar na casa da vovó”. Então foi até a cama, abriu o cortinado e lá estava a avó com a touca enfiada na cabeça, cobrindo o rosto, com um aspecto estranho. “Oi, vovó” Mas que orelhas grandes você tem!” “É para te ouvir melhor”. “Vovó, mas que olhos grandes você tem!” “É para te ver melhor.” “Vovó, mas que mãos grandes você tem.” “É para te agarrar melhor!” “Mas, vovó, que terrível boca enorme é essa?” “É para te comer melhor.” E com isso o lobo saltou da cama, pulou sobre a pobre Chapeuzinho e a engoliu.

Depois de ter saciado o apetite, o lobo voltou para a cama, adormeceu e começou a roncar, fazendo um barulho fenomenal. Um caçador, que naquele momento estava

passando em frente à casa, ouviu o barulho e pensou: “Como pode uma velhinha roncar desse jeito? Melhor verificar”. Então ele entrou na casa e, ao chegar à cama, deparou-se com o lobo, a quem procurava havia tempo. Ele deve ter comido a avó, pensou, e talvez ainda seja possível salvá-la, por isso é melhor não atirar. Então, buscou a tesoura e cortou a barriga do lobo. Assim que deu os primeiros cortes, avistou o chapeuzinho vermelho brilhando, e depois de mais uns cortes a menina saltou para fora dizendo: “Nossa, que susto. Estava tão escuro na barriga do lobo”. Logo depois, a avó também saiu com vida. Chapeuzinho correu para buscar pedras bem pesadas, que eles colocaram na barriga do lobo, e, quando ele acordou, e quis ir embora, as pedras pesaram tanto que acabou caindo morto.

Os três ficaram muito felizes. O caçador tirou a pelo do lobo, a avó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho levava e Chapeuzinho Vermelho, que estava feliz por ter escapado, prometeu a si mesma: “De agora em diante, não vou mais sair do caminho nem entrar na floresta sozinha, quando a minha mãe não deixar”.

Também se conta que, quando Chapeuzinho Vermelho foi novamente levar bolo para a avó, outro lobo falou com ela e tentou fazer com que se desviasse do caminho. Mas Chapeuzinho Vermelho se cuidou, seguiu seu caminho sem se desviar e contou à avó que havia encontrado um lobo, que ele a havia cumprimentado, mas que olhara para ela com olhos malvados. “Se eu não estivesse na estrada aberta, ele teria me devorado.” “Venha”, disse a avó, “vamos trancar a casa para que ele não possa entrar.” Não demorou para que o lobo chegasse e batesse na porta, chamando: “Abra, vovó, é Chapeuzinho Vermelho, eu trouxe bolo”. As duas ficaram bem quietas e não abriram a porta. Enfurecido, o lobo rondou a casa muitas vezes e finalmente saltou no telhado, pensando em esperar até que Chapeuzinho Vermelho voltasse para casa à noite para devorá-la na escuridão. Mas a avó percebeu a intensão dele. Diante da casa, havia um grande cocho de pedra e ela disse à neta: “Vá buscar o balde, Chapeuzinho Vermelho. Ontem cozinhei salsichas. Jogue a água até encher o cocho. O lobo sentiu o cheiro de salsicha e espichou tanto o pescoço atrás do cocho que perdeu o equilíbrio, começou a escorregar do telhado e acabou caindo no cocho e se afogando. Chapeuzinho Vermelho voltou alegre e confiante para casa.

Fonte: Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815), Editora Cosac Naify 3ª edição, 2015.

ANEXO C - Conto *Rapunzel* pelos Irmãos Grimm

“Era uma vez um homem e uma mulher que havia muito desejavam ter filhos, mas nunca tinham conseguido. Desta vez, finalmente, a mulher estava com esperanças. Na casa dos fundos em que moravam, havia uma pequena janela por onde podiam ver o jardim de uma fada, repleto de flores e de ervas de todos os tipos, mas ninguém podia ousar entrar ali. Um dia, a mulher estaca diante da janela olhando para baixo quando avistou um canteiro repleto de lindos rapônçios e sentiu muito desejo por eles. Mas, sabendo que não era possível comer nenhum sequer, acabou passando mal e desmaiando. Assustado, o marido perguntou o que causara aquele mal-estar e ela respondeu: “Ai, se eu não comer um desses rapônçios do jardim dos fundos da nossa casa, vou morrer”. O marido, que a amava muito, pensou que, custasse o que custasse, ele iria conseguir alguns para ela e à noite pulou a cerca alta e arrancou, apressado, um punhado de rapônçios e os levou para a mulher. Ela logo fez uma salada com eles e a comeu com apetite voraz. Mas acontece que gostou tanto, mas tanto, que no dia seguinte ela sentiu o triplo de desejo de comê-los. Vendo que não teria sossego, o homem entrou novamente no jardim, mas levou um susto enorme ao topar com a fada, que logo o repreendeu, indagando como ousaria invadir o jardim dela para roubar. Ele se desculpou o melhor que pôde, alegando a gravidez de sua mulher e que era perigoso negar alguma coisa a ela, até que a fada disse: “Está bem, então, eu vou deixar você levar quantos rapônçios quiser, contanto que entregue a criança que a sua mulher carrega com ela”. Apavorado, o homem concordou, e, assim que a mulher deu à luz uma menina, a fada apareceu, deu-lhe o nome de Rapunzel e levou-a embora com ela.

Rapunzel tornou-se a mais linda criança debaixo do sol, mas, ao completar doze anos, a fada a trancou numa torre muito alta que não tinha nem porta nem escada, apenas uma janelinha bem no alto. Toda vez que a fada queria subir, ficava lá em baixo e chamava:

“Rapunzel, Rapunzel!
Jogue os seus cabelos.”

Rapunzel tinha cabelos maravilhosos, finos como ouro trançado, e quando a fada chamada ela os soltava, enroscava-os num gancho da janela e a cabeleira caía de uma altura de vinte metros e a fada subia por eles.

Um dia, um jovem príncipe passeava pela floresta onde ficava a torre e avistou a bela Rapunzel no alto à janela; ouviu-a cantar com voz tão doce que ficou completamente apaixonado por ela. Como não encontrou nenhuma porta de acesso à torre e não havia escada que alcançasse tão alto, ficou desesperado, mas mesmo assim ia todos os dias à floresta, até que um dia viu a fada chegando e chamando:

“Rapunzel, Rapunzel!
Jogue os seus cabelos.”

Foi então que ele viu com que escada se podia subir à torre. Ele memorizou bem as palavras que podiam ser ditas e no dia seguinte, quando estava escuro, foi até a torre e disse:

“Rapunzel, Rapunzel!
Jogue os seus cabelos.”

Ela soltou os cabelos e quando chegaram lá embaixo o príncipe se segurou neles e foi puxando para cima.

De início Rapunzel levou um susto, mas não demorou a gostar tanto do príncipe que combinou que viesse visita-la todos os dias e ela o puxaria para cima. Assim viveram alegres e a fada não percebeu nada por um bom tempo, até que um dia Rapunzel disse a ela: “Sabe, senhora Gothel, as minhas roupas estão tão apertadas que não estão querendo servir mais em mim”. “Ah, menina maldita, o que sou obrigada a ouvir”, disse a fada, fora de si, vendo que havia sido enganada. Então ela agarrou os lindos cabelos de Rapunzel, deu-lhe algumas palmadas com a mão esquerda e com a direita apanhou a tesoura e rip, rip, os cabelos estavam cortados. Depois, banuiu Rapunzel para um deserto onde ela passou apuros e onde, depois de um tempo, deu à luz gêmeos, um menino e uma menina.

Mas, na noite do mesmo dia em que banuiu Rapunzel, a fada prendeu os cabelos cortados no gancho da janela e quando o príncipe chamou:

“Rapunzel, Rapunzel!
Jogue os seus cabelos.”

ela lançou os cabelos. Qual não foi a surpresa do príncipe ao chegar no alto da torre e, em vez de sua querida Rapunzel, encontrar a fada. “Maldito príncipe, saiba que perdeu Rapunzel para sempre!”

O príncipe ficou tão desesperado que no mesmo instante se jogou da torre. Apesar de sobreviver à queda, ele perdeu os dois olhos. Triste vagou pela floresta e não comia nada além de capim e raízes, e não fazia nada além de chorar. Alguns anos se passaram até que chegou ao deserto que Rapunzel vivia uma vida miserável com seus dois filhos. Ele ouviu uma voz que lhe parecia familiar e no mesmo instante ela o reconheceu e foi correndo abraçá-lo. Duas de suas lágrimas caíram nos olhos dele, que voltaram a ficar claros e o príncipe voltou a enxergar como antigamente.”

Fonte: Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815), Editora Cosac Naify 3ª edição, 2015.

ANEXO D - Conto *João e Maria* pelo programa *Conta pra mim*

Era uma vez dois irmãos: João e Maria. Eles gostavam de passear pela floresta para colher flores. Antes de saírem, a mãe sempre trazia um punhado de pedrinhas brancas e dizia:

— Levem e espalhem pelo caminho. Depois, voltem recolhendo as pedrinhas. Assim, não haverá perigo de vocês se perderem. Vão com Deus!

Naquela manhã, porém, a mãe não encontrou as pedrinhas e entregou aos filhos um punhado de miolo de pão. João e Maria se despediram da mãe e do pai e foram contentes pelo caminho, cantando, observando as árvores e o céu, fazendo bolinhas com o miolo de pão...

Quando resolveram voltar para casa, perceberam uma coisa estranha: as bolinhas desapareceram. Como isso pode ter acontecido? De repente, avistaram um pássaro carregando no bico um miolinho de pão. Neste momento, os dois perceberam que estavam perdidos...

João e Maria caminharam o dia inteiro. E, quando o sol já ia se pondo, avistaram uma casinha.

Era uma casa engraçada, toda feita de bolos, biscoitos e pão de ló. As telhas eram feitas de chocolate, e as flores do jardim, de caramelos, balas e docinhos. João e Maria comeram bastante, até que ouviram uma voz rouca e arrepiante:

Gata, jumento,

Pé de alfacinha.

Quem está comendo

A minha casinha?

João e Maria tomaram um susto! E a velha disse:

— Entrem, entrem, lindas crianças! Vou alimentar e aquecer vocês!

Mas as aparências enganam. Na verdade, a velha era uma bruxa, que adorava devorar crianças. Ela prendeu João numa gaiola e pôs a menina para trabalhar. O plano da bruxa era engordar João e comê-lo primeiro.

Todos os dias, a bruxa, que não enxergava bem, dizia:

Mostre o dedinho, menino.

Quero saber se está gordinho.

Vou assar você com temperos finos.

Não sobrará nem um bocadinho

Entretanto, João estendia um pequeno osso de galinha, e a bruxa ficava furiosa ao sentir que o menino não engordava. Depois de um mês, ela decidiu que ia assar João de qualquer jeito.

Quando a bruxa se abaixou, para ver se o forno já estava preparado, Maria encheu-se de coragem e empurrou-a com todas as forças. Depois trancou a porta do forno e correu para libertar João. A bruxa gritava, mas as crianças só pensavam em se salvar.

Estavam saindo da casa, quando viram um enorme baú e encontraram um tesouro! Encheram dois sacos com moedas de ouro e com pedras preciosas e correram floresta adentro.

Em casa, seus pais estavam na cozinha, chorando e rezando pelos filhos, que se perderam. Ao entardecer, João e Maria chegaram cansados, mas felizes, e voaram no colo dos pais. O encontro virou uma festa, com muitos beijos e abraços. Logo depois, os pais encontraram os sacos jogados na porta da cozinha. Abrindo-os, ficaram admirados com toda aquela riqueza.

Na manhã seguinte, João e Maria contaram aos pais, em detalhes, tudo o que aconteceu: o miolo de pão, os passarinhos, a bruxa, a fuga e o tesouro.

Fonte: programa do PNA, Conta pra mim, João e Maria, 2019.

ANEXO E - Conto *Chapeuzinho Vermelho* pelo programa *Conta pra mim*

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho. Um dia sua mãe lhe disse:

— Chapeuzinho, leve esta cesta com bolo e doces à casa da vovó, que está doente. Mas tenha cuidado! Não vá pela floresta nem converse com desconhecidos!

Chapeuzinho prometeu ir pela estradinha que chegava até a casa da vovó. Porém, no caminho, distraiu-se com os bichinhos e, quando se deu conta, estava no meio da floresta.

Foi então que apareceu o lobo:

— Está perdida, menina?

— Não, não... Estou indo para a casa da vovó, que está doente. Vou levar bolo e doces para ela.

— Ora, vá pelo caminho das flores, menina! É mais curto! — disse o lobo.

Chapeuzinho concordou:

— Isso mesmo! Assim também poderei colher flores para ela!

Mas o caminho das flores era longo. O lobo, por sua vez, não perdeu tempo. Chegou primeiro à casa da vovó e bateu à porta:

— Toc! Toc! Toc!

— Quem é? — perguntou a vovó.

— Sou eu! A Chapeuzinho Vermelho! — respondeu o lobo disfarçando a voz.

— É só pegar a chave debaixo do tapete da entrada, querida!

O lobo entrou na casa, foi direto para o quarto e devorou a vovó.

Quando Chapeuzinho Vermelho chegou, notou que a porta estava aberta e pensou: “Há algo de errado por aqui.”

Ela entrou bem de mansinho, indo até o quarto. E lá estava o lobo, disfarçado de vovó, com a touca na cabeça e debaixo da coberta.

Chapeuzinho estranhou:

— Oi, vovó! Que orelhas grandes você tem!

— São para te ouvir melhor, minha netinha.

— Vovó, que olhos grandes você tem!

— São para te enxergar melhor, minha netinha.

— Vovó, que mãos grandes você tem!

— São para te abraçar, minha netinha.

— Mas, vovó, que boca enorme é essa?

— É para te devorar!

O lobo pulou sobre Chapeuzinho e a engoliu. Depois voltou para a cama e dormiu.

Um caçador que passava por ali ouviu o lobo a roncar e desconfiou:

— Eu conheço a vovó. Ela não ronca tão alto assim.

O caçador entrou na casa, viu o lobo roncando na cama e abriu o barrigão enorme do bicho.

De lá saíram a vovó e Chapeuzinho:

— Ufa! Obrigada! Estava tão escuro dentro da barriga do lobo! — disse a menina.

O caçador encheu a barriga do lobo com pedras e a costurou bem. Quando o malvado acordou, saiu tropeçando e caiu no rio, para nunca mais voltar.

A vovó, Chapeuzinho Vermelho e o caçador ficaram aliviados e felizes.

Chapeuzinho então prometeu:

— Nunca mais entrarei sozinha na floresta nem darei ouvidos a estranhos!

E finalmente os três sentaram-se à mesa e comeram o bolo e os doces que Chapeuzinho Vermelho trouxe em sua cesta.

Fonte: programa do PNA, *Conta pra mim*, Chapeuzinho Vermelho, 2019.

ANEXO F - Conto *Rapunzel* pelo programa *Conta pra mim*

Era uma vez uma mulher grávida que externou a seu marido o desejo de comer beterrabas. O casal morava próximo ao sítio de uma bruxa.

Não resistindo à aflição de sua esposa, o marido passou a colher, durante a noite, algumas beterrabas na horta da vizinha. Certa vez, foi surpreendido, e a bruxa lançou, com a voz rouca, a seguinte maldição:

— Não se preocupe, meu senhor. Sirva-se à vontade! Só não se esqueça de uma coisa: quando seu bebê nascer, o senhor o entregará para mim!

Meses depois, o homem foi obrigado a atender à ameaça. A bruxa levou consigo a criança, a quem deu o nome de Rapunzel.

Ao completar doze anos, Rapunzel foi trancada pela bruxa no alto de uma torre sem portas e com uma pequena janela.

A prisioneira aprendeu a cantar com os pássaros da floresta, que eram seus únicos amigos. Sempre que a bruxa desejava subir na torre, gritava:

— Rapunzel, jogue suas tranças! E a bela moça desenrolava seus negros cabelos, que, de tão longos, tocavam a fina relva.

Um belo dia, um príncipe escutou o canto de Rapunzel e ficou admirado com a graciosidade de sua voz. Encantado, aproximou-se e observou o que a bruxa fazia para subir naquela torre. Depois de algumas horas, aproveitou que a jovem estava sozinha e gritou:

— Rapunzel, jogue suas tranças!

A jovem as desenrolou, e os cabelos tocaram os pés do príncipe.

Ao se encontrarem, Rapunzel e o príncipe se apaixonaram.

Para que Rapunzel fugisse daquela clausura, o príncipe entregou a ela uma corda. Desconfiada, a bruxa pegou uma tesoura e cortou os cabelos da jovem. Logo em seguida, levou-a embora dali, abandonando-a na floresta.

Voltando à torre, a bruxa amarrou as tranças em um gancho para enganar o príncipe. Quando ele se sustentou na janela, a feiticeira lhe disse:

— Veio encontrar Rapunzel? Eu a levei para muito longe. Você nunca mais a encontrará! Nunca mais! Ah! Ah! Ah!

Neste momento, a bruxa derrubou o príncipe, que caiu sobre uma moita de espinhos. A queda foi tão violenta que o deixou cego. O jovem se levantou e começou a andar com dificuldade pela floresta, pensando em sua amada.

De repente, escutou uma voz familiar... Era o canto de Rapunzel! Abraçaram-se, e as lágrimas da jovem se derramaram sobre os olhos do príncipe, devolvendo-lhe a visão.

Rapunzel e o príncipe se casaram e viveram felizes para sempre.

Fonte: programa do PNA, *Conta pra mim*, Rapunzel, 2019.

